

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR: A NOÇÃO DE
POUPANÇA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Dailiane de Fátima Souza Cabral

Juiz de Fora (MG)

Agosto, 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS
Pós-Graduação em Educação Matemática
Mestrado Profissional em Educação Matemática

Dailiane de Fátima Souza Cabral

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR: A NOÇÃO DE
POUPANÇA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Orientador: Prof. Dr Amarildo Melchiades da Silva

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Matemática, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

Juiz de Fora (MG)

Agosto, 2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Souza Cabral, Dailiane de Fatima .

Educação Financeira Escolar: a noção de poupança nos anos iniciais do Ensino Fundamental / Dailiane de Fatima Souza Cabral. - 2019.

95 f.

Orientador: Amarildo Melchiades da Silva

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Exatas. Programa de Pós Graduação em Educação Matemática, 2019.

1. Educação Matemática. 2. Educação Financeira Escolar. 3. Anos Iniciais. 4. Poupança. 5. Produção de Significados. I. Silva, Amarildo Melchiades da, orient. II. Título.

Dailiane de Fátima Souza Cabral

“Educação Financeira Escolar: a noção de poupança nos anos iniciais do Ensino Fundamental”

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Matemática, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

Comissão Examinadora



Prof. Dr. Amâncio Melchhiades da Silva
(UFJF)



Prof. Dra. Rosana de Oliveira
(UERJ)



Prof. Dr. Reginaldo Fernando Carneiro
(UFJF)

Aprovada em 17/08/2019

Aos meus professores, familiares e amigos...

AGRADECIMENTOS

A todos os professores que me incentivaram ao longo de minha formação desde os primeiros anos de escolarização até o mestrado, por terem acreditado que seria capaz de chegar aonde cheguei.

Ao meu orientador Prof. Dr. Amarildo Melchíades da Silva, que me incentivou desde a especialização e contribuiu muito para o desenvolvimento desta dissertação.

Aos professores do Curso de Mestrado Profissional e meus colegas da turma pela convivência e pelo aprendizado. Foi uma honra conhecer cada um de vocês.

E, por fim, mas não menos importante, a meus familiares e amigos que me encorajaram a continuar estudando, mesmo com muitos obstáculos e angústias.

“Guardar, comprar e não passar fome. Porque senão, na hora de comprar as coisas não tem dinheiro e então fica com fome e aí vai perdendo dinheiro. Na minha casa, minha mãe guarda na bolsa ou no cofrinho do meu irmão [...].”

(Fala do aluno Mateus, de 7 anos, em resposta à pergunta: por que é importante poupar?)

RESUMO

Este estudo está inserido na área de Educação Matemática e trata de um dos temas da Educação Financeira Escolar: a noção de poupança. Teve como objetivo investigar a produção de um conjunto de tarefas sobre poupança para a inserção na sala de aula do segundo ano do Ensino Fundamental. Esta pesquisa caracteriza-se como uma abordagem qualitativa de investigação e contou com uma pesquisa de campo em seu desenvolvimento, tendo como participantes dezessete estudantes de uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental da rede pública de Juiz de Fora - MG. O referencial teórico adotado foi o Modelo dos Campos Semânticos proposto por Lins (1999, 2012), que permitiu analisar as falas de estudantes a partir de suas produções de significados sobre duas tarefas propostas. A análise das falas e dos registros dos discentes sugeriu que as crianças perceberam a importância de gerar dinheiro e poupar para gastar de uma forma consciente, bem como que poupança está relacionada ao ato de poupar e planejar. O produto educacional resultante desta pesquisa consiste em uma proposta de ensino para professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, com sugestões de tarefas abordando a temática poupança e situações correlacionadas a ela.

Palavras-chave: Educação Matemática; Educação Financeira Escolar; Anos Iniciais; Poupança; Produção de Significados.

ABSTRACT

This Mathematical education study discusses one of the school financial education themes: the notion of savings. It aimed to investigate the production of financial education material to be used in the second year of elementary school classrooms. This qualitative approach research involved fieldwork in its development, having seventeen students from an Elementary public school of Juiz de Fora, MG, as participants. The theoretical framework adopted was the Semantic Fields Model proposed by Lins (1999, 2012), which allowed the analysis of students' statements based on their production of meanings about two proposed tasks. Analysis of the students' verbal information, reactions and records suggested that children realized the importance of making money and saving to spend consciously, as well as that savings, is related to saving and planning. The educational outcome of this research consists of a teaching proposal for elementary school teachers, with suggestions of tasks addressing the savings theme and related situations developed to early years of elementary school students.

Keywords: Mathematical Education, School Financial Education, Early years, Savings: Production of meanings.

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CONEF	Comitê Nacional de Educação Financeira
MCS	Modelo dos Campos Semânticos
NIDEEM	Núcleo de Investigação, Divulgação e Estudos em Educação Matemática
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
DM	Dissertação de Mestrado
PE	Produto Educacional
SELIC	Sistema Especial de Liquidação e de Custódia para títulos federais
TR	Taxa Referencial

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Poupança dos sonhos: cofrinhos virtuais	34
Figura 2 – Palitoches usados para a dramatização da fábula	60
Figura 3 – Produção do aluno	63
Figura 4 – Produção do aluno	63
Figura 5 – Cofre em formato de porco feito com material reciclado	64
Figura 6 – Aluna enfeitando os chaveiros	65
Figura 7 – Estudantes contando o dinheiro	69
Figura 8 – Visita ao Centro de Ciências.....	70
Figura 9 – Visita ao Centro de Ciências.....	70
Figura 10 – Registo da Foca Milionária.....	71
Figura 11 – Registro da Foca Milionária	72
Figura 12 – Símbolos que tematizaram as aulas	72
Figura 13 – Aluna executando a receita	81
Figura 14 – Aluno enrolando os docinhos	81
Figura 15 – Cofres em formato de porquinho	84
Figura 16 – Registro da aluna sobre as tarefas realizadas.....	84
Figura 17 – Registro da aluna sobre as tarefas realizadas.....	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dissertações desenvolvidas pelo grupo de pesquisa	21
Quadro 2 – Dissertações, teses, artigos e livros	29
Quadro 3 – Cartaz: lista de compras para o lanche do 2º ano EF	62
Quadro 4 – Tabela para preenchimento ao longo das tarefas	68
Quadro 5 – Ilustração do registro da composição do valor feita por três estudantes	82

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 REVISÃO DA LITERATURA	19
2.1 PESQUISAS DESENVOLVIDAS PELO NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO, DIVULGAÇÃO E ESTUDOS EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA/NIDEEM.....	20
2.2 OUTRAS PESQUISAS SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR.....	28
3 UMA VISÃO GERAL SOBRE POUPANÇA.....	32
3.1 O QUE É POUPANÇA?.....	33
3.2 O PORQUINHO COMO SÍMBOLO DA POUPANÇA	36
3.3 A IMPORTÂNCIA DA POUPANÇA.....	37
4 REFERENCIAL TEORICO E O PROBLEMA DE PESQUISA	43
4.1 NOSSA CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR	44
4.2 O MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS	46
4.3 O PROBLEMA DE PESQUISA.....	49
5 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	51
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA E DOS PARTICIPANTES	52
5.2 DESCRIÇÃO DA TAREFA DISPARADORA	54
5.3 O PRODUTO EDUCACIONAL	57
6 A PESQUISA DE CAMPO	58
6.1 TAREFA I.....	59
Episódio 1: O processo se põe em marcha... ..	59
Episódio 2: Como gerar dinheiro?	60
Episódio 3: Como gerar o dinheiro para a compra do lanche?	62
Episódio 4: Mãos à obra! Vamos gerar dinheiro?	64
Episódio 5: Conferindo o saldo	68
6.2 TAREFA II.....	78
Episódio 1: Organizando a festa de despedida.....	79
Episódio 2: Como conseguir dinheiro?.....	80
Episódio 3: A festa de encerramento.....	83
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	89
ANEXO	93
O Sabiá e a Formiga.....	93

Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento	94
---	----

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está inserida na área de Educação Matemática e tem como objetivo investigar a produção de um conjunto de tarefas sobre poupança para a inserção na sala de aula do 2º ano do Ensino Fundamental. O termo poupança será utilizado neste estudo no sentido de *ato de poupar* e não associado ao produto financeiro caderneta de poupança. Essas tarefas foram validadas em um estudo de campo e compõe um produto educacional para uso dos docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Esta investigação insere-se em um projeto de pesquisa intitulado Design e Desenvolvimento de um Programa de Educação Financeira para a Formação de Estudantes e Professores da Educação Básica, da Universidade Federal de Juiz de Fora – MG, sob a coordenação do Prof. Dr. Amarildo Melchiades da Silva. Nessa linha de pesquisa, cada professor/pesquisador direciona a sua investigação para um determinado tema relacionado à Educação Financeira Escolar, desenvolvendo-a em um segmento de ensino a partir da produção de materiais para a sala de aula, conforme veremos na revisão da literatura.

A Educação Financeira tem ganhado evidência em diferentes espaços de discussão, em eventos e palestras, sobretudo por causa do aumento significativo do endividamento das pessoas, muitas vezes estimulado pelo crédito fácil e pelas estratégias da publicidade, como é apontado por Bauman (2008) e Barber (2009). Esses autores apontam que tais situações instigam ao consumismo desenfreado de pessoas de diferentes idades e classes sociais.

Isso ocorre também no contexto infantil, uma vez que desde muito pequena a criança recebe inúmeras informações que possibilitam o consumismo sugerindo pensamentos e atitudes imediatistas que, às vezes, não correspondem ao mundo infantil e, assim, sequer pensa em planejar suas decisões e tampouco em poupar. Em consonância com isso, Barber (2009) destaca que a mídia e a publicidade utilizam diferentes técnicas para aproximar as crianças cada vez mais do universo adulto, como também técnicas visando à infantilização dos adultos, antecipando ou até mesmo “congelando” as fases tradicionais do ciclo da vida, em que algumas pessoas tendem a se comportar como uma determinada faixa etária a qual não pertence mais.

Para Bauman (2008), isso tem ocorrido, principalmente, com “as tendências de estilo”, impulsionadas pelas estratégias das campanhas publicitárias da mídia, que, de diferentes maneiras, prometem realizar desejos e sonhos por meio da aquisição de alguns produtos e marcas. Ele complementa que a “felicidade” prometida através da aquisição de algo passa a ser um lugar ilusório e temporário, pois, após a obtenção de um bem, surge uma frustração causada pela realização temporária das promessas, já que tais produtos perdem o valor rapidamente e, assim, as pessoas tendem a buscar novas promessas e realizações dos desejos.

Para o referido filósofo, na Sociedade atual – “líquido-moderna¹” –, o meio de ter uma “segurança no tempo pontilhista²” é permanecer à frente, sempre em movimento, com inúmeros reinícios. Segundo ele, “Para que a busca de realização possa continuar e novas promessas possam mostrar-se atraentes e cativantes, as promessas já feitas precisam ser quebradas, e as esperanças de realizá-las, frustradas” (BAUMAN, 2007, p. 108). Ele ainda pondera que:

A sociedade de consumo consegue tornar permanente a insatisfação. Uma forma de causar esse efeito e depreciar e desvalorizar os produtos de consumo logo depois de terem sido alcançados ao universo dos desejos do consumidor. Uma outra forma, ainda mais eficaz, no entanto, se esconde da ribalta: o método de satisfazer toda necessidade/desejo/vontade de uma forma que não pode deixar de provocar novas necessidades/desejos/vontades. (BAUMAN, 2007, p. 107)

Em complementaridade à questão do “tempo pontilhista”, Barber (2009, p. 117) enfatiza que houve um momento em que se admirava “[...] a lentidão e o gasto intencional da riqueza do tempo”. No entanto, nos dias atuais, privilegia-se a rapidez e, para ser considerado inteligente, torna-se necessário ser ágil, “[...] chegar a conclusões num piscar de olhos, num circuito rápido de processos de decisão, e chegar ao xis da questão”.

Na escola isso aparece de diferentes formas. Nota-se que a aquisição de produtos ou estilos permite, de uma forma provisória, a aceitação do sujeito por partes dos colegas e, também, a frustração por parte daqueles não têm condições de acompanhar e realizar todas as suas vontades.

Diante desse cenário, a pesquisadora Cássia D’Aquino (2011), em seus estudos, afirma que o melhor momento de iniciar a formação dos cidadãos em finanças é desde muito cedo. Ela sugere que as crianças lidam com questões relacionadas às finanças desde quando realizam os primeiros pedidos de compra para os familiares. Nesse sentido, a autora considera a importância de apresentar situações próximas ao cotidiano das crianças, abordando questões como a distinção entre necessidade e desejo, as diferenças entre preços, marcas e produtos, além da valorização de poupar e conservar o dinheiro.

No entanto, esse assunto ainda tem sido pouco discutido e estudado em nosso país, principalmente no ambiente escolar. Poucas escolas trabalham essa temática e baseiam-se em

¹ Bauman (2008) utiliza esse termo ao se referir a uma das fases da modernidade em que a instabilidade é constante. Segundo o autor, não há segurança e o que importa é satisfação dos desejos e imediatamente, alimentando, assim, a troca de mercadorias de forma constante de maneira que coisas que perdem valor rapidamente e a “felicidade” prometida em adquirir algo passam a ser um lugar ilusório e temporário, proporcionando uma insatisfação com o próprio “eu”.

² Bauman (2008) usa esse termo para dizer de um tempo não linear com passado, presente e futuro, sendo este um tempo do “agora”, pois o importante são as experiências vividas no presente.

perspectivas diferentes, tratando o sujeito, muitas vezes, apenas como um potencial consumidor, de modo que reforçam a lógica bancária e individualista.

Diante dessas questões, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em 2003, sugeriu que o melhor momento de iniciar a formação dos cidadãos em Educação Financeira é desde muito cedo, visto que as crianças lidam com questões relacionadas às finanças desde quando realizam os primeiros pedidos de compras aos pais e, além disso, elas têm um “poder” de decisão no orçamento da família. Nessa perspectiva, considera-se que a educação é mais eficiente quando é transmitida por meio de atitudes cotidianas realizadas pelas famílias, já que, com algumas atitudes simples, a criança começa a perceber que existe distinção entre necessidade e desejo, diferenças entre preços e entre marcas e produtos, além de ser importante poupar e conservar o dinheiro.

Outro ponto defendido pela OCDE é o de que a Educação Financeira direcionada às crianças deve objetivar a criação de “bases” para que, na vida adulta, as crianças possam ter uma relação saudável, equilibrada em todas as questões relacionadas as finanças.

Na tentativa de mudar esse cenário, a OCDE elaborou uma proposta de Educação Financeira objetivando educar financeiramente os países membros e parceiros, como o Brasil. Desde então, tais países tiveram suas ações pautadas pelas diretrizes elaboradas pela OCDE visando a educar financeiramente seus cidadãos.

A OCDE definiu a Educação Financeira como:

[...] o processo pelo qual os consumidores financeiros/ investidores melhoram a sua compreensão sobre os conceitos e produtos financeiros e, através da informação, instrução e/ou aconselhamento objetivos, desenvolvam as habilidades e a confiança para tomar consciência de riscos e oportunidades financeiras, para fazer escolhas informadas, saber onde buscar ajuda e tomar outras medidas eficazes para melhorar a sua proteção e o seu bem-estar financeiro. (OCDE, 2005, *apud* SILVA; POWELL, 2013, p. 3)

Alguns países, assim como o Brasil, adotaram como base esta definição ao construir a sua proposta de Educação Financeira. O governo brasileiro elaborou uma proposta de Educação Financeira escolar, tendo em vista inicialmente o Ensino Médio. O material didático elaborado contempla diversas situações didáticas e tem como suporte o *Livro do aluno*, o *Caderno do aluno* e o *Livro do professor*.

Esta perspectiva entende que a Educação Financeira Escolar

[...] tem um papel fundamental ao desenvolver competências que permitem consumir, poupar e investir de forma responsável e consciente, propiciando uma base mais segura para o desenvolvimento do país. [...] ao promover e fomentar a cultura de educação financeira no país, ampliar a compreensão do cidadão, para que seja capaz de fazer escolhas conscientes quanto à administração de seus recursos e

contribuir para a eficiência e a solidez dos mercados financeiro, de capitais, de seguros, de previdência e de capitalização. (BRASIL/CONEF, 2013. p. 1)

Essa vertente aproxima-se da definição apresentada pela OCDE, pois ambas são direcionadas ao consumidor, visando que este desenvolva competências para movimentar o mercado e contribuir para o desenvolvimento do país.

Diante disso, destacamos que entendemos a Educação Financeira para além das definições da OCDE e das apresentadas pelo governo brasileiro. Defendemos a abordagem da Educação Financeira nas escolas a partir de uma concepção que considere o sujeito não apenas como consumidor e investidor. Além disso, acreditamos que a Educação Financeira Escolar deve ser inserida desde os primeiros anos de escolarização, pois compreendemos que a formação do sujeito desde muito cedo pode permitir que este atue de maneira consciente no futuro em sua vida adulta.

A escolha da temática para investigação mostrou-se relevante por possibilitar a produção de materiais didáticos em Educação Financeira para utilização nas escolas para as crianças dos primeiros anos de escolarização.

Assim, neste estudo, objetivamos investigar a produção de um conjunto de tarefas sobre poupança para a inserção na sala de aula do 2º ano do Ensino Fundamental – sendo o termo poupança utilizado para o ato de poupar e não para o produto financeiro caderneta de poupança. Após validadas em um estudo de campo, as tarefas deram origem ao produto educacional para uso dos docentes e de discentes do segmento de ensino em questão.

Tendo em vista esse objetivo, esta dissertação está estruturada em sete capítulos. No capítulo 1, Introdução, apresentamos a temática, os objetivos da pesquisa e como foi estruturada. Dando continuidade, no capítulo 2, intitulado “Revisão da literatura”, apresentamos as contribuições das dissertações de mestrado desenvolvidas e outras em andamento pelos integrantes do grupo NIDEEM/UFJF, que, por sua vez, comungam do mesmo referencial teórico e defendem a inserção da Educação Financeira nas escolas a partir da produção de material didático e da formação de professores envolvendo diversos níveis de ensino. Em seguida, discorreremos sobre outras produções acadêmicas direcionadas à temática em questão – Educação Financeira Escolar voltada à criança e sobre poupança e questões correlacionadas a esta.

Já no capítulo 3, intitulado “Uma visão geral sobre Poupança”, apresentamos o que alguns autores dizem sobre poupança. Discorreremos sobre como o termo aparece no dicionário e como alguns economistas e escritores abordam esse tema em seus estudos. Dando

sequência, apresentamos um breve histórico sobre poupança e o seu símbolo – o cofrinho em formato de porquinho.

No capítulo 4, intitulado “Referencial teórico e o Problema de Pesquisa”, discutimos sobre a fundamentação teórico na qual nos pautamos – o Modelo dos Campos Semânticos proposto por Lins (1999) – e nossa concepção de Educação Financeira proposta por Silva e Powell (2013). Também discorreremos sobre o problema de Pesquisa e o Produto Educacional.

Na sequência, no capítulo 5, denominado “Metodologia da pesquisa”, caracterizamos a pesquisa e apresentamos os participantes escolhidos para o estudo, os procedimentos metodológicos necessários e a primeira tarefa que desenvolvemos para disparar o processo de produção de significados dos estudantes para poupança, que compõe o conjunto de tarefas que proporemos como produto educacional.

No capítulo 6, “A pesquisa de Campo”, discorreremos sobre o desenvolvimento da pesquisa de campo, descrevendo detalhadamente como os encontros – intitulados como episódios – foram desenvolvidos. Em seguida, fazemos a análise de algumas falas dos participantes da pesquisa tendo como base o modelo dos campos semânticos proposto por Lins (1999). Também neste capítulo são apresentadas a Tarefa I e a Tarefa II, bem como as suas respectivas potencialidades.

Por fim, no capítulo 7, “Considerações finais”, apresentamos algumas conclusões sobre o desenvolvimento da pesquisa.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Ao escrevermos esta seção, partimos dos seguintes questionamentos: existem produções em Educação Matemática sobre Educação Financeira Escolar, direcionadas para o Ensino Fundamental da Educação Básica? Há estudos voltados aos primeiros anos do Ensino Fundamental? Frente a essas questões, realizamos um levantamento da bibliografia existente em busca de artigos acadêmicos, dissertações, teses e livros que abordam a temática em questão, mesmo aqueles com uma visão diferente sobre Educação Financeira, como a perspectiva bancária, direcionada ao investidor e ao consumidor – visão à qual somos contrários, já que o nosso foco é o estudante.

Inicialmente, apresentamos as produções acadêmicas desenvolvidas pelos integrantes do grupo NIDEEM/UFJF, em ordem cronológica de publicação, e a temática abordada em cada estudo. Em seguida, discorreremos detidamente sobre as que mais se aproximam ao tema proposto nesta investigação. Dando continuidade, apresentamos outros trabalhos relacionados à temática e/ou aqueles que abordam a faixa etária em questão – estudantes dos primeiros anos de escolarização.

2.1 PESQUISAS DESENVOLVIDAS PELO NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO, DIVULGAÇÃO E ESTUDOS EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA/NIDEEM

Neste tópico, apresentaremos as pesquisas que antecederam esta investigação e que se inserem no projeto de pesquisa maior do qual este estudo é um subprojeto. Estas pesquisas possuem em comum a mesma concepção sobre Educação Financeira apresentada por Powell e Silva (2013), bem como o mesmo referencial teórico e metodológico – Modelo dos Campos Semânticos (MCS) – e a proposta de produzir tarefas de Educação Financeira para a sala de aula de Matemática. Além disso, é relevante destacar que os autores relacionados abaixo são professores da Educação Básica.

Vejamos a seguir o quadro que apresenta as Dissertações de Mestrado (DM) e as temáticas abordadas nos Produtos Educacionais (PE) concluídos ou em fase de desenvolvimento pelos participantes do NIDEEM/ UFJF:

Quadro 1 – Dissertações desenvolvidas pelo grupo de pesquisa

TÍTULO	DEFESA	AUTOR/ ORIENTADOR	NÍVEL DE ENSINO
PRODUTO EDUCACIONAL			
DM: Uma Investigação sobre Educação Financeira na Matemática do Ensino Fundamental	2012	Marcelo Bergamini Campos Amarildo Melchiades da Silva	Anos Finais do Ensino Fundamental
PE: economia, orçamento pessoal e familiar, tomada de decisão			
DM: Design de Tarefas de Educação Financeira para o 6º Ano do Ensino Fundamental	2013	Luciana Ap. Borges Losano Amarildo Melchiades da Silva	Anos Finais do Ensino Fundamental
PE: O que é dinheiro? Orçamento pessoal. Orçamento familiar			
DM: Educação Financeira e Educação Matemática: a inflação de preços	2014	Márcio Carlos Vital Campos Amarildo Melchiades da Silva	Ensino Médio
PE: Inflação de preços: o que é? Quais são as causas e suas consequências?			
DM: Educação Financeira Escolar para Estudantes com Deficiência Visual	2014	Glauco H. Oliveira Santos Amarildo Melchiades da Silva	Educação Especial
PE: mesada, economia, orçamento pessoal e familiar			
DM: Educação Financeira Escolar: Orçamento Familiar	2014	Raquel Carvalho Gravina Amarildo Melchiades da Silva	Anos Finais do Ensino Fundamental
PE: Orçamento familiar			
DM: Objetos de Aprendizagem como Recurso Educacional Digital para Educação Financeira Escolar: Análise e Avaliação	2014	Gisele Barbosa Liamara Scortegagna	Indefinido
PE: Guia do professor: como avaliar			
DM: Educação Financeira Escolar: A Noção de Juros	2015	Jesus Nazareno Martins Dias Amarildo Melchiades da Silva	Anos Finais do Ensino Fundamental
PE: A noção de juros: compra à vista e a prazo			
DM: Design e desenvolvimento de um curso de formação continuada para professores em Educação Financeira Escolar	2015	Andréa Stambassi Souza Amarildo Melchiades da Silva	Formação de Professores
PE: Formação continuada de professores			
DM: Educação Financeira Escolar: Planejamento financeiro	2015	Gláucia Sabadini Barbosa Amarildo Melchiades da Silva	Anos Finais do Ensino Fundamental
PE: Planejamento Financeiro pessoal e familiar, orçamento doméstico.			

DM: Educação Financeira Escolar: as armadilhas presentes na mídia induzindo o consumismo	2017	Katyane A. Samoglia C. C. Massante Amarildo Melchiades da Silva	Ensino Médio
PE: Armadilhas da mídia, consumismo, propaganda, desejo e necessidade consumismo			
DM: Educação Financeira Escolar: os riscos e as armadilhas presentes no comércio, na sociedade de consumidores	2017	Vivian Helena Brion C. Silva Amarildo Melchiades da Silva	Ensino Médio
PE: Riscos e armadilhas presentes no comercio, consumismo			
DM: Educação Financeira e Educação Matemática: Inflação de preços no Ensino Médio	2017	Leandro G. Dos Santos Amarildo Melchiades da Silva	Ensino Médio
PE: Inflação de preços			
DM: Dispositivo móveis no Ensino de Educação financeira Escolar: análise e aplicação de tarefas	2018	Fausto João Alves Fernandes Liamara Scortegagna	Educ. de Jovens e Adultos
PE: Tecnologia, tomada de decisão, produção de significado, dinheiro no tempo, poupança, investimento			
DM: As contribuições da utilização de simuladores financeiros no aporte a tarefas destinadas ao ensino de Educação Financeira Escolar	2018	Alex Machado Leite / Liamara Scortegagna	Anos Finais do Ensino Fundamental
PE: Simulador financeiro, poupança, planejamento pessoal e familiar			
DM: Educação Financeira Escolar: A Noção de Juros no Ensino Médio	2018	Camila de Almeida Franco Amarildo Melchiades da Silva	Ensino Médio
PE: juros compostos, produção de significados, consumidores			
DM: Educação financeira e educação estatística: inflação como tema de ensino aprendizagem	2018	Tâmara Muller /Amarildo Melchiades da Silva	Ensino Médio
PE: Noção de juros, estatística tratamento da informação			
DM: A Produção de Projetos de Educação Financeira para a sala de aula de Matemática	2019	Roberta Gualberto Ferreira Amarildo Melchiades da Silva	Anos Finais do Ensino Fundamental
PE: Projetos em Educação Financeira			
DM: Educação Financeira Escolar: a noção de poupança no Ensino Fundamental	2019	Luciana Maria da Silva Amarildo Melchiades da Silva	Anos Finais do Ensino Fundamental
PE: Noção de poupança, planejamento			
DM: Educação Financeira Escolar: a noção de poupança nos anos iniciais do Ensino Fundamental	2019	Dailiane de Fátima Souza Cabral Amarildo Melchiades da Silva	Anos iniciais do Ensino Fundamental

PE: A noção de poupança para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental: uma proposta de ensino			
DM: Educação financeira e educação empreendedora: bases para uma vida financeira saudável	Em andamento	Elisangela Pires Liamara Scortegagna	Ensino Médio
PE: em andamento			
DM: Gamificação como proposta para engajamento de alunos em MOOCS sobre Educação Financeira Escolar: possibilidades e desafios para Educação Matemática	Em andamento	Joarez Jose leal do Amaral Liamara Scortegagna	Ensino Médio
PE: Gamificação, <i>massive open online</i> , tecnologias			
DM: Educação Financeira Escolar: a tomada de decisão na sociedade de consumo	Em andamento	Priscila Juste / Amarildo Melchiades da Silva	Ensino Médio/ Anos Finais do Ensino Fundamental
PE: Em andamento			

Fonte: *Site* do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFJF (Disponível em: <www.ufjf.br/mestradoedumat>)

O quadro 1 mostra as dissertações desenvolvidas pelo NIDEEM/UFJF e traz o nome dos autores e seus respectivos orientadores, o ano de defesa ou a previsão desta, a temática abordada em cada trabalho e, também, o nível de ensino a que cada um é direcionado, sendo o termo anos iniciais do Ensino Fundamental usado para os estudante do 1º ao 5º ano; anos finais do Ensino Fundamental, para estudantes do 6º ao 9º ano; Ensino Médio, 1º ao 3º ano; e EJA, neste caso para alunos do Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Dos trabalhos listados, apenas 1 é direcionado à formação de professores, 9 produções para Ensino Médio, 8 dissertações para anos finais do Ensino Fundamental, 1 para Educação Inclusiva e 1 para Educação de Jovens e Adultos, e somente esta dissertação direcionada aos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Esses dados mostram que as produções acadêmicas direcionadas a Educação Financeira Escolar têm aumentado gradativamente; no entanto, não há dissertação elaborada por membros do NIDEEM direcionada aos anos iniciais do Ensino Fundamental, o que justifica o desenvolvimento desta investigação.

Das pesquisas relacionadas acima, traremos das contribuições de Campos (2012), Santos (2014) e Sabadini (2015), pois se aproximam do tema proposto neste estudo, abordando, de uma forma geral, temas como planejamento, orçamento, economia e também versam sobre a aplicação de suas tarefas. Também discutiremos sobre a pesquisa de Luciana Maria da Silva (2019), que teve como tema da sua pesquisa a noção de poupança nos anos

finais do Ensino Fundamental, tema também abordado neste estudo, em consonância com a proposta de ensino em espiral, conforme sugerido por Silva e Poweell (2013).

Campos (2012) teve como foco de investigação os significados produzidos por estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental expostos a situações-problema envolvendo Educação Financeira. Durante a sua pesquisa, ele propôs um ambiente capaz de discutir os diferentes modos de produção de significados que os estudantes tinham em relação ao dinheiro e, a partir das suas vivências, fossem capazes de refletir sobre a variedade de decisões apresentadas. Diante desse cenário, o pesquisador defendeu que a Educação Financeira não fosse tratada como um meio de preparar os alunos para a obtenção da independência financeira, nem de apresentar os diversos produtos financeiros presentes no mercado econômico atual, como é exposto por concepções bancárias de Educação Financeira.

Assim, no seu trabalho, Campos (2012) salienta que, em consonância como o MCS, não objetivou em sua pesquisa produzir juízo de valor diante das tomadas de decisões dos estudantes, mas propôs refletir sobre os fatores que contribuíram para o surgimento destas. Outra questão relevante apresentada pelo pesquisador é o fato de as pessoas pouparem pouco e priorizarem a satisfação momentânea, antecipando o consumo e pagando-o depois. Ele destaca que tampouco pensam no orçamento, no planejamento e na possibilidade de poupar e direcionar parte da renda para gastos futuros, pois considera que isso é uma decisão complexa que vai além de cálculos. Além disso, ele considera que a decisão de gastar ou poupar é influenciada por fatores pessoais e sociais e influencia diretamente nas decisões econômicas do sujeito.

Outro aspecto importante apontado pelo autor é a necessidade de se ter um olhar atento para as propostas e orientações que abordam a inclusão da Educação Financeira na Educação Básica, pois, assim, torna-se possível conhecer suas reais intenções, já que algumas propostas possuem interesses diferentes daqueles que são divulgados.

Campos (2012) sugere, em seu trabalho, que a Educação Financeira no âmbito escolar seja em um espaço para construção e de reconstrução de diferentes ideias a partir de argumentos dos colegas e que compartilhe mais que informações financeiras ou conselhos, como propõe a perspectiva bancária.

Santos (2014), em sua dissertação, investigou a produção de significados de estudantes com deficiência visual a partir de tarefas voltadas à Educação Financeira elaboradas³ e aplicadas anteriormente para estudantes sem deficiência visual; no entanto, o autor ressalta

³ As tarefas usadas por Santos (2014) foram elaboradas por Losano (2013).

que essas tarefas tiveram a versão em braile (sistema de escrita tátil utilizado por pessoas cegas ou com baixa visão), conforme a necessidade dos participantes da pesquisa, porém seu conteúdo foi o mesmo.

O autor supracitado destacou que seu estudo teve como foco o deficiente visual no estudo de Educação Financeira, inserido no ambiente escolar, compreendendo que essa formação não deve ser diferente da que é direcionada aos estudantes que não possuem deficiência visual. Ele enfatiza que o único diferencial é que o material a ser usado precisa ser adaptado conforme a necessidade de cada estudante, neste caso, em braile. Além disso, o autor considera que as crianças e adolescentes vivem cada vez mais os reflexos do mundo informatizado e necessitam ser preparados para tomar decisões importantes conscientes; por isso, justifica a relevância em abordar a Educação Financeira na escola.

Em consonância com Campos (2012), Santos (2014) considera que a Educação Financeira Escolar não visa a impor uma perspectiva ou decisão como a correta e outra não. Ele enfatiza que o ambiente escolar pode contribuir para espaço de negociação de estratégias e análises das situações financeiras entre os alunos, permitindo o desenvolvimento e possibilitando o pensamento crítico sobre as decisões e as escolhas.

Compartilhando dessa mesma perspectiva, Sabadini (2015) aborda, em sua dissertação, a importância de preparar as pessoas para enfrentar situações complexas do dia a dia, considerando que são frequentes esses momentos em que tomam decisões imediatistas envolvendo suas finanças, trazendo diferentes implicações em sua vida.

Diante desse cenário, a autora propôs como tema de estudo o Planejamento Financeiro e elaborou um conjunto de tarefas a partir do MCS para uso em sala de aula de Matemática, objetivando refletir questões cotidianas relacionadas ao tema direcionadas aos estudantes do Ensino Médio. A tarefa disparadora objetivou a produção de significados dos estudantes no planejamento financeiro; buscou também a relação dos significados matemáticos e não matemáticos com planejamento financeiro.

As tarefas visaram também a uma reflexão sobre os gastos da família, os sonhos e os desejos e se propôs a entender se essas questões estavam ligadas ou não ao dinheiro. Além disso, permitiram pensar sobre orçamento pessoal ou familiar, como também analisar os gastos e economizar, objetivando direcioná-los à poupança ou até mesmo a investimentos. As produções de significados dos estudantes indicaram que, ao resolverem as tarefas, os eles buscaram aproximação com as suas vivências.

A pesquisadora Luciana Maria da Silva (2019) aborda em seu estudo a noção de poupança a partir da elaboração de um conjunto de tarefas direcionadas para estudantes do

oitavo ano do Ensino Fundamental. Inicialmente, a autora discorre sobre a importância da temática da pesquisa, as possíveis definições sobre poupança e, além disso, destaca algumas razões para poupar dinheiro como também as situações que afetam o ato de poupar e consumo das pessoas. Ao longo da pesquisa, Silva (2019) discute o que os documentos oficiais apresentam sobre a Educação Financeira no ambiente educacional.

A pesquisadora faz um breve histórico sobre a etimologia do verbo poupar e apresenta o significado da palavra poupança de acordo com autores de diferentes áreas de conhecimento. Ela também destaca que, no Brasil, “[...] não existe uma cultura de incentivo a economia e investimento, este fato juntamente com a questão da instabilidade econômica do nosso país, torna o ato de economizar dinheiro em algo difícil” (SILVA, 2019, p. 23).

Para discutir sobre as atitudes comportamentais das pessoas sobre poupança e consumo, Silva (2019) usa como base as contribuições de Bauman (2008). Segundo a autora, é possível perceber que os fatores que interferem no comportamento de poupança são: inflação, renda, taxa de juros e disponibilidade do crédito.

Sobre os documentos oficiais, Silva (2019) destaca as contribuições dos documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017 e os Parâmetros Curriculares Nacionais de Matemática (PCN) de 1998. De acordo com a autora, esses documentos, apesar de “[...] trazerem indícios de preocupação em educar financeiramente os estudantes, apenas os PCN do Ensino Médio fazem referência à educação econômica, porém, sem traçar objetivos e conteúdos específicos” (SILVA, 2019, p. 37).

[...] com a criação permanente de novas necessidades transformando bem supérfluos em vitais, a aquisição de bens se caracteriza pelo consumismo. O consumo é apresentado como forma e objetivo de vida. É fundamental que nossos alunos aprendam a se posicionar criticamente diante dessas questões e compreendam que grande parte do que se consome é produto do trabalho, embora nem sempre se pense nessa relação no momento em que se adquire uma mercadoria. É preciso mostrar que o objeto de consumo, seja um tênis ou uma roupa de marca, um produto alimentício ou aparelho eletrônico etc., é fruto de um tempo de trabalho, realizado em determinadas condições. Quando se consegue comparar o custo da produção de cada um desses produtos com o preço de mercado é possível compreender que as regras do consumo são regidas por uma política de maximização do lucro e precarização do valor do trabalho. (BRASIL, 1998 apud SILVA, 2009, p. 35)

Sobre a BNCC, Silva (2019) aponta que tal documento objetiva mudanças no comportamento dos brasileiros a partir da abordagem de temas como “educação para o consumo, educação financeira, nas aulas de matemática”.

Após as reflexões descritas acima, a autora apresenta as tarefas que compõem o Produto Educacional, desenvolvido para abordar a noção de poupança com os estudantes dos

anos finais do Ensino Fundamental. A autora defende que o material desenvolvido para uso na sala de aula possibilitará um ambiente provocador de reflexões sobre o tema a ser discutido.

As tarefas foram validadas após desenvolvimento com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Fortaleza, Ceará. A autora ressalta que as tarefas foram elaboradas objetivando que os alunos operassem “[...] com a ideia de poupança e com o ato de poupar, a partir da produção de significados que serão provocados na realização das tarefas que levantam questões que fazem parte do cotidiano dos estudantes” (SILVA, 2019, p. 4).

Em consonância com os autores supracitados, Silva (2019) ressalta que tem como foco o ambiente escolar, tendo como propósito educar os estudantes financeiramente, conforme a concepção de Educação Financeira apresentada por Silva e Powell (2013). Para eles,

[...] A Educação Financeira Escolar constitui-se de um conjunto de informações através do qual os estudantes são introduzidos no universo do dinheiro e estimulados a produzir uma compreensão sobre finanças e economia, através de um processo de ensino que os torne aptos a analisar, fazer julgamentos fundamentados, tomar decisões e ter posições críticas sobre questões financeiras que envolvem sua vida pessoal, familiar e da sociedade em que vivem. (SILVA; POWELL, 2013, p. 12-13)

De acordo com Silva (2019), desenvolver tarefas referenciadas teoricamente a partir do Modelo dos Campos semânticos (MCS) proposto por Lins (1999) possibilita a produção de significados dos estudantes e, além disso, permite a abordagem de conhecimentos matemáticos e não matemáticos a partir de situações problemas, próximos ao cotidiano dos alunos. A autora ressalta que, apesar das temáticas envolvendo Educação Financeira serem abordadas em aulas de matemática, as tarefas também podem ser usadas de forma interdisciplinar.

A pesquisadora enfatiza que as tarefas focaram nas seguintes questões: visões de poupança, razões para se poupar, fatores que afetam o comportamento da poupança e consumo das pessoas. Diante dessas questões, foram elaboradas tarefas abordando os temas correlacionados à poupança, como: orçamento e planejamento financeiro; necessidade de adequar as despesas às receitas; poupança como ato de poupar; poupar a partir de pequenas atitudes e estratégias para gerar renda extra.

Em conjunto, as pesquisas supracitadas, além de abordarem algumas questões que aproximam-se do tema central do nosso estudo – ato de poupar –, apontam questões importantes sobre as tarefas, tais como: contextos que permitam o estudante usar a matemática e produzir significados para além dela, adaptação das tarefas conforme o contexto

próximo a realidade dos estudantes, situações que possuam diferentes possibilidades de respostas, como também estimular as tomadas de decisão e que permitam aos professores lerem os significados produzidos. A seguir, veremos algumas pesquisas de outros autores que direcionam seus estudos sobre Educação Financeira às crianças, buscando entender como eles contribuem para a abordagem desse assunto tanto no âmbito familiar como também no ambiente escolar.

2.2 OUTRAS PESQUISAS SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR

Objetivando ampliar nossa busca sobre pesquisas relacionadas à Educação Financeira fora de nosso grupo de pesquisa, sobretudo direcionadas à criança, realizamos uma busca nos meios de publicação (*sites* de buscas, *sites* acadêmicos, bancos de teses e dissertações, livros, artigos de revistas acadêmicas), pautando-nos nas seguintes palavras-chave: Educação Matemática, Educação Financeira Escolar e poupança.

Além disso, direcionamos esse levantamento a partir das seguintes indagações: existem produções acadêmicas em Educação Matemática sobre Educação Financeira escolar, sobretudo para o Ensino Fundamental da Educação Básica? Há estudos direcionados aos primeiros anos do Ensino Fundamental? Quais ponderações esses estudos trazem? Frente a essas questões, buscamos artigos, dissertações, teses e livros que abordam a temática, a fim de salientarmos as possíveis contribuições da abordagem deste tema, principalmente com crianças no início da escolarização.

Nossa análise será feita por uma postura metodológica⁴ por meio da qual se busca voltar no tempo em dez anos, isto é, de 2017 a 2007. A seguir, vejamos o quadro com o resultado de nosso levantamento das produções nacionais e de Portugal, onde os pesquisadores são parceiros do grupo NIDEEM/UFJF.

⁴ A partir de leitura de trabalhos mais recentes, observando as referências, considerando-as como ponte para outros trabalhos produzidos anteriormente.

Quadro 2 – Dissertações, teses, artigos e livros

TÍTULO	ANO	AUTOR(ES)	CATEGORIA
Educação Financeira em livros didáticos de matemática dos anos iniciais do Ensino Fundamental: quais as atividades sugeridas nos livros dos alunos e as orientações presentes nos manuais dos professores?	2016	Laís Thalita Bezerra dos Santos	Artigo
Concepções e práticas de professores de matemática sobre educação financeira	2016	Antônio Domingos Ana Santiago	Artigo/revista
Educação financeira: caminhos para a implementação em escolas privadas	2016	Anaelize dos Anjos Oliveira Cristiane Azevêdo dos Santos Pessoa	Artigo /revista
Educação financeira e cuidados com o ambiente: atividades didáticas no Ensino Fundamental	2016	Luciana Troca Dantas/ Chang Kuo Rodrigues	Dissertação de mestrado
Produção e articulação de conhecimentos matemáticos e financeiros por alunos do Ensino Médio	2016	Ivail Muniz Junior /	Artigo/ revista
Currículos e Educação Financeira para a Escola nos Estados Unidos	2016	Amarildo Melchiades Silva João Belford Powell	Artigo/revista
Educação Financeira Crítica: novos desafios na formação continuada de professores.		Ana Carmem R. Chiarello	Dissertação de mestrado em Educação
Educar financeiramente em situações a-didáticas no município de São João de Meriti/RJ: algumas possibilidades	2015	Rosilane Motta da Silva/ Ana Carolina Resende de Melo Bustamante	Dissertação de mestrado

Fonte: Dados de pesquisa.

Ao analisarmos o quadro 2, podemos notar que há um aumento significativo das produções relacionadas à Educação Financeira; contudo, poucos pesquisadores dedicam-se ao tema relacionando-o à escola, sobretudo aos anos iniciais do Ensino Fundamental, causando uma carência de pesquisas e materiais produzidos academicamente. Em consequência disso, instituições bancárias e financeiras direcionam ações que, às vezes, concebem o sujeito consumidor, fomentando a lógica capitalista à qual somos contrários.

Luciana Dantas (2016) apresentou em sua dissertação algumas atividades didáticas como estratégias de ensino de Educação Financeira para estudantes, desenvolvidas com estudantes dos anos iniciais de Educação Básica de uma escola pública do Rio de Janeiro. Ela abordou questões envolvendo os cuidados com o ambiente e o desenvolvimento sustentável do planeta.

Dantas (2016) considera que o trabalho com Educação Financeira deve estar inserido nas escolas desde os primeiros anos de escolarização, estendendo-se por toda a escolarização, de modo a possibilitar a mudança de hábitos de consumo em longo prazo. Além disso,

ênfatiza que a Educação Financeira tem como uma de suas finalidades: planejar e gerir renda, poupar, investir e garantir uma vida financeira mais tranquila.

A pesquisadora elaborou uma sequência didática, com cinco atividades, abordando questões como valoriza o do consumo de merendas saudáveis, meio ambiente; reflexão sobre a rela o dinheiro e felicidade; questionando se quem tem dinheiro   feliz e se quem não tem dinheiro pode ser mais feliz do que quem tem. Utilizou também uma releitura das f bulas “A cigarra e a formiga” e “A Galinha dos ovos de Ouro”, criando momentos em que os alunos tinham que comparar preço e qualidade de produtos a fim de economizar. Também proporcionou momentos para estudantes refletirem sobre formas de conseguir rendas com pequenos trabalhos. Como resultado desse estudo, a autora desenvolveu um produto educacional em formato de livreto, com o título   “*Mãe, posso comprar?*”.

O pesquisador Ivail Muniz (2015/2016) propõe, em seus estudos, uma reflexão sobre algumas concep es de Educa o Financeira. Ele discorre sobre como esse tema chama aten o de institui es privadas, com visões diferentes e por vezes contraditórias. O autor ênfatiza também que sua concep o de Educa o Financeira Escolar se baseia em quatro princípios, quais sejam: convite   reflexão; conexão didática, dualidade e lente multidisciplinar.

Esses pesquisadores defendem que a Educa o Financeira seja feita na escola, de modo que o professor e os demais envolvidos contribuam com a reflexão sobre situa es financeiras na tomada de decisão e sem realizar juízo de valor, sem deixar de levar em considera o a realidade que os estudantes estão inseridos. Segundo os autores,   preciso abordar também no es matemáticas e não matemáticas, como também a natureza temporal do valor do dinheiro, pois os valores estão associados a uma data, sendo necessário levar em conta os sacrifícios e os benefícios associados. Além disso, os autores consideram que, mesmo a Educa o Financeira escolar sendo inicialmente direcionada a estudantes, acaba impactando a família e a sociedade.

A pesquisa de Rosilane Motta da Silva (2015) teve como sujeitos de pesquisa alunos do terceiro ano do Ensino Médio, de uma escola pública estadual do município do Rio de Janeiro. A autora investigou se alunos agem de forma consciente em situa es cotidianas envolvendo finanças pessoais. Para desenvolver esse estudo, ela propôs uma sequência de atividades que permitissem reflexões e a es investigativas por parte dos estudantes. Essa pesquisa deu origem ao produto educacional em formato de livreto, intitulado “A Família *Dezmedida*”, que narra fatos próximos a realidade. Ao final de cada capítulo, o leitor   levado

a ajudar a solucionar os problemas apresentados pautados em conhecimentos de Educação Financeira.

Acreditamos que os apontamentos dos estudos revisados e apresentados no quadro 2 justificam o trabalho com Educação Financeira com as crianças desde muito pequenas, perpassando também em sua fase escolar, uma vez que esta parece ser uma oportunidade para discutir questões próximas as suas vivências. Assim, possibilita-se que esses participantes não sejam consumistas compulsivos e consigam gerenciar suas decisões de uma forma mais consciente e proveitosa, pensando não só em questões envolvendo dinheiro ao longo do tempo, como também naquelas relacionadas ao impacto ambiental.

Como já ressaltamos, percebemos que até o momento há poucos estudiosos que se dedicam ao tema e à faixa etária em questão, causando uma carência de pesquisas e materiais, permitindo que iniciativas de instituições bancárias e financeiras direcionem ações pautadas em perspectivas que, às vezes, consideram os cidadãos apenas como consumidor e investidor a fim de alimentar a lógica do mercado capitalista. Essa constatação reforça a relevância da realização desta investigação nos anos iniciais da Educação Básica.

3 UMA VISÃO GERAL SOBRE POUPANÇA

Neste capítulo, propomos discutir de uma forma geral sobre o termo *poupança* à luz de diferentes visões. Para isso, trazemos para reflexão as contribuições de profissionais de diferentes áreas, sendo eles economistas, bancários e pesquisadores da área educacional.

Destacamos que, mesmo alguns autores não direcionando especificamente seus estudos à Educação Financeira Escolar, trazem ricas informações em seus trabalhos sobre a abordagem da temática com crianças, sobretudo, desde os primeiros anos de vida, ressaltando os benefícios em abordar esse assunto também na fase escolar.

Inicialmente, apresentamos brevemente ponderações de alguns autores sobre poupança. Dando continuidade, refletimos sobre a ideia do dinheiro como elástico e, também, discutimos como o ato de poupar e doar pode influenciar no impacto do meio ambiente, gerando menos desperdício.

3.1 O QUE É POUPANÇA?

Neste tópico, analisamos o assunto central de nossa pesquisa: poupança. Para isso, apresentamos os significados das palavras *poupança* e *poupar* à luz de alguns autores selecionamos. Inicialmente, apresentamos a definição encontrada no dicionário desenvolvido por Ferreira (2010) e, em seguida, discorremos sobre o entendimento de alguns bancos sobre o termo em questão e, logo depois, a visão de alguns bancos e dos autores Gremaud (2012), Halfeld (2008), Fortuna (2002), Dessen (2013) e outros.

Ao buscarmos no dicionário Ferreira (2010) o termo *poupar*, verificamos que o autor entende que poupar dinheiro significa gastar com prudência, não desperdiçar, economizar.

No *site* do Banco do Brasil⁵ é colocado que poupança é “o melhor investimento para organizar a sua vida financeira” sendo vista como “o primeiro passo para a realização dos seus sonhos, de forma fácil e segura”. Além disso, apresenta a *Poupança Programada*, em que a pessoa pode definir o dia do mês, o valor e por quanto tempo quer investir e o próprio banco transfere de forma automática os valores da sua conta corrente para a poupança. Apresenta também a *Poupança dos Sonhos*, em que os poupadores e correntistas podem optar por criar um sonho e escolher as poupanças apresentadas, com rendimentos iguais da poupança tradicional, assemelhando com “cofrinhos virtuais” como mostra a figura 1 extraída do *site* de um banco. Vejamos:

⁵ Disponível em: <[http://www.bb.com.br/pbb/pagina-inicial/voce/produtos-e-servicos/investimentos/investimentos-de-curto-prazo-e-baixo-risco/poupanca#/>. Acesso em: 30 nov. 2017.](http://www.bb.com.br/pbb/pagina-inicial/voce/produtos-e-servicos/investimentos/investimentos-de-curto-prazo-e-baixo-risco/poupanca#/)

Figura 1 – Poupança dos sonhos: cofrinhos virtuais



Fonte: <[http://www.bb.com.br/pbb/pagina-inicial/voce/produtos-e-servicos/investimentos/investimentos-de-curto-prazo-e-baixo-risco/poupanca#/>. Acesso em: 30 nov. 2017.](http://www.bb.com.br/pbb/pagina-inicial/voce/produtos-e-servicos/investimentos/investimentos-de-curto-prazo-e-baixo-risco/poupanca#/)

Nessa mesma perspectiva, a Caixa Econômica Federal⁶ trata o termo *poupança* como a opção de investimento mais segura, acessível à população, além de ser destinada tanto para os pequenos poupadores quanto para os grandes investidores. Esse investimento tem suas regras de funcionamento definidas pelo Banco Central, tendo a remuneração correspondente até 0,5% de juros ao mês a depender do Sistema Especial de Liquidação e de Custódia para títulos federais (SELIC) e da taxa referencial (TR), calculados sobre os valores depositados – valor referente ao mês de março de 2019. É destacado também que, quanto mais tempo o dinheiro ficar aplicado, maiores serão os seus rendimentos.

Já o consultor financeiro e professor de finanças Halfeld (2008, p. 18) entende poupança como o resultado da receita subtraída das despesas. Além disso, sugere que, para aumentá-la, é preciso “incrementar as receitas e/ou reduzir as despesas”.

De acordo com Gremaud (2012), professor de Economia de uma universidade em São Paulo, a poupança pode ser considerada “como uma opção do indivíduo por maior consumo futuro. Em vez de consumir hoje, poupa-se para consumir posteriormente” (GREMAUD, 2012, p. 126).

Em contrapartida, Fortuna (2002, p. 249) define poupança como opção de investimento. Para ele, “é a aplicação mais simples e tradicional, sendo uma das poucas,

⁶ Disponível em: <<http://www.caixa.gov.br/voce/poupanca-e-investimentos/poupanca/Paginas/default.aspx>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

senão a única, em que se podem aplicar pequenas somas e se ter liquidez [...]” e, devido à sua facilidade de ingresso, tornou-se uma modalidade de investimento bastante conhecida.

Segundo Dessen (2013), tanto poupar quanto investir significa colocar o dinheiro para render, colocando-o para trabalhar a fim de promover uma renda extra. Vejamos:

Poupar e investir, em qualquer modalidade, significa colocar o dinheiro para trabalhar para você. Aportes constantes e disciplinados se beneficiam dos juros capitalizados ao longo do tempo, acumulam capital e geram rendimentos. Seu trabalho deixa de ser o único provedor de renda. Seus projetos se viabilizam, e o sonho de “viver de renda” se torna possível. (DESSEN, 2013, p. 53)

Frente a isso, podemos notar que a referida autora entende poupança como um investimento, como produto do mercado, um investimento com simplicidade operacional e com percepção de segurança por parte do investidor.

Em consonância a essa concepção, D’Aquino (2007) também compreende a poupança como investimento. Segundo ela, poupar é guardar em um lugar seguro um pouco do dinheiro que recebemos, objetivando gastá-lo no futuro ou em um dia de necessidade. Em complementaridade a esses apontamentos, Godfrey e Edwards (2007, p. 26) consideram que “[...] poupar regularmente é um hábito que requer autodisciplina”.

Reinaldo Domingos em seus livros apresenta algumas considerações sobre gastar, poupar investir e orçar e indaga se poupar é igual a investir (DOMINGOS, 2012, p. 86). Diante desse questionamento, o autor considera que poupar é “[...] o ato de reter, guardar dinheiro, investir tem outro sentido no universo das finanças, o de direcionar o dinheiro poupado (não gasto, retido) a algum tipo de investimento (caderneta de poupança) [...]” (Idem, 2012, p. 86). Além disso, ele complementa enfatizando que “[...] poupar é também não desperdiçar, não perder, gastar com moderação e saber comprar” (Ibidem, 2012, p. 94)

Stuart (2009) concebe poupança como ato de poupar uma parte de todo o dinheiro que recebe. Segundo ela, é importante guardar no mínimo 10% do que se ganha e, assim, economizar para depois gastar, “[...] adiando nosso impulso consumista” (STUART, 2009, p. 100). Além disso, destaca a importância de planejar, estabelecer objetivos e prioridades. A autora também ressalta que, após poupar em cofre uma quantia razoável, deve-se colocar tal valor em um banco, para que possa render, ou aplicá-lo em um investimento. Assim, nota-se que a autora percebe poupança e investimento como questões distintas, sendo primeiro necessário poupar para posteriormente investir.

Diante desses apontamentos, consideramos poupança para além de um produto financeiro. Percebemos esta como o ato de poupar, sendo não somente economizar dinheiro,

mas também levar em conta questões correlacionadas a isso, como desperdício, planejamento, orçamento, doação, geração e gasto de forma consciente o dinheiro.

3.2 O PORQUINHO COMO SÍMBOLO DA POUPANÇA

Por que a imagem da poupança e da economia está associada a um porquinho? Mas por que esse animal e não outro? Afinal, o que um porco tem a ver com dinheiro? Há diferentes versões que abordam esse assunto, por isso, na tentativa de responder a essas questões, neste tópico, discorreremos sobre a origem e algumas curiosidades sobre o símbolo forte e histórico da poupança – o cofre em formato de porquinho.

De acordo com os autores portugueses Gerry Bailey e Felicia Law, no seu livro *“Faz crescer o teu dinheiro - Duplica a tua mesada!*, publicado em 2009, a relação entre o ato de poupar e a imagem do porquinho iniciou há muito tempo. Segundo eles, na Inglaterra medieval as pessoas guardavam o dinheiro que desejavam economizar em recipientes feitos com uma argila de cor laranja, chamada de *“pygg”*.

Com o passar do tempo, o som da palavra *“pygg”* tornou-se semelhante ao da palavra *“pig”*, que significa porco em inglês. Diante desse cenário, um oleiro teve a brilhante ideia de fabricar um recipiente no formato de um porco, que agradou os clientes e, assim, essa ideia espalhou-se por todo mundo, sendo instituído o cofre de porquinho para simbolizar a ideia de economia e de poupança.

Outra explicação sobre o cofre em formato de porquinho é a *“A teoria da multiplicação”*⁷ de Sebastian la Pestre. De acordo com o Francês, tal aproximação ocorreu devido à reprodução acelerada do animal, sendo o porco um símbolo da multiplicação. Para ele, em um período de dez anos uma única leitoa poderia produzir cerca de seis milhões de filhotes. Assim, já que o objetivo do cofre é guardar dinheiro, seria melhor guardá-lo em um objeto com um significado de multiplicação.

Há também outra versão popular que se aproxima desta última. Tal versão afirma que o cofre em formato de porquinho surgiu devido à tradição chinesa, já que, no calendário chinês, o porco é um símbolo de fartura e, por isso, foi criado um cofrinho de argila no formato do animal para trazer riqueza e prosperidade.

⁷ Disponível em: <<http://www.pmcofres.com.br/cofre-digital/a-origem-do-cofre-de-porquinho-2/->>. Acesso em: 21 dez. 2017.

Afinal, seja qual for a versão verdadeira sobre a origem do cofre de porquinho, o fato é que essa imagem continua sendo uma imagem forte, mesmo sofrendo evoluções. Atualmente, há cofres de diferentes formatos, tamanhos, materiais, preços e até mesmo virtuais, porém continuam com a mesma finalidade que antes – um lugar para guardar as economias. Contudo, muitas pessoas optam em guardar as economias no banco, já que guardar dinheiro em casa não é seguro e não rende.

3.3 A IMPORTÂNCIA DA POUPANÇA

Nesta seção, refletimos sobre as considerações que alguns autores fazem sobre a poupança, sendo esta considerada por nós como ato de poupar, economizar e não somente como um produto financeiro como é entendida por muitas pessoas. Apresentamos algumas sugestões que os autores explicitam em seus trabalhos, como o valor que deve ser poupado e de que modo esse processo deve acontecer de uma forma agradável.

Márcia Belluzo Dessen, em seu livro *“Cuide bem do seu dinheiro: decisões que geram riqueza e bem-estar”*, publicado em 2013, aborda algumas reflexões e apresenta dicas sobre orçamento, crédito, investimentos, previdência complementar, patrimônio, seguros e transações financeiras.

No decorrer da obra, a escritora enfatiza a importância de saber controlar as despesas e definir as prioridades por meio do planejamento financeiro, mesmo que, para isso, seja necessário cortar ou adiar gastos. Dessen (2013, p. 6) ressalta a importância do cultivo do hábito de poupar uma parte do salário. Ela reconhece que esse movimento não é uma tarefa fácil, mas que precisa ser adquirida aos poucos, tendo em mente sempre que o dinheiro pode “trabalhar para você”. Além disso, recomenda que, antes de pensar em apenas comprar, é preciso pensar em uma reserva financeira para possíveis imprevistos.

Ela considera que

Para poupar é necessário que haja um motivo, grande e forte, querido e desejado por você e por sua família, pois todos vão renunciar ao prazer de ter ou fazer alguma coisa agora para alcançar um objetivo que levará algum tempo para ser realizado [...]. Toda meta precisa de um valor e de um prazo para ser atingida. (DESSEN, 2013, p. 6)

Dando continuidade a essa reflexão, a autora supracitada posiciona-se sobre o ato de poupar. Ela compara poupança a um investimento, como produto do mercado um

investimento com simplicidade operacional e com percepção de segurança por parte do investidor.

Outra questão abordada por Dessen (2013) é a importância em poupar, uma vez que, segundo ela, “o que você guarda é seu, mas o que você gasta fica para os outros. Cultive o hábito de guardar dinheiro, pois ele é o meio de você atingir seus objetivos pessoais” (DESSEN, 2013, p. 23).

A especialista em Educação Financeira Cássia D’Aquino, em seu livro “*Educação Financeira: 20 dicas para ajudar você a administrar a sua mesada*” – da coleção *Me poupe*, publicado em 2006, apresenta ao público infante-juvenil algumas dicas de como lidar com inteligência com o dinheiro adquirido por meio da “mesadinha”, recebido como pagamento ou como presente em algum momento da vida.

Nesse livro, a autora aborda, a partir de uma linguagem apropriada à faixa etária, algumas temáticas como mesada, gasto com inteligência, poupança, caderneta de poupança, valor do dinheiro, juros e doação. D’Aquino enfatiza que as pessoas, quando possuem dinheiro na mão, às vezes, sentem prazer em gastá-lo com diversas coisas, sendo algumas necessárias e outras nem tanto. Para ela, gastar com inteligência o dinheiro é complexo, já que é essencial diferenciar o que precisamos comprar daquelas coisas que desejamos, causando em alguns casos um arrependimento.

Diante disso, a autora supracitada sugere que, assim que receber o dinheiro, deve-se separar imediatamente a quantia a ser poupada, de modo a evitar gastos não previstos. Além disso, ela enfatiza que é muito mais satisfatório poupar quando estabelecemos metas a curto, médio ou longo prazo. Em seguida, ela sugere uma reflexão sobre o porquê de algumas pessoas terem dificuldade em fazer uma poupança e justifica que isso ocorre pelo fato de essas pessoas não terem recebido ensinamentos de como poupar.

Ela sugere que a quantia a ser poupada seja, sempre que possível, a metade da quantia recebida. Também enfatiza que dinheiro em casa não rende e fica mais propenso a ser gasto. Diante disso, destaca que, com o auxílio de um adulto, realize-se a abertura da Caderneta de Poupança em um banco para que possa receber um pouco mais de dinheiro – chamado juros.

Já na obra “*Educação Financeira: 20 dicas para ajudar você a educar seu filho*”, publicado em 2007, também da coleção *Me poupe*, D’Aquino destaca questões relacionadas a necessidade e desejo, orçamento familiar, comparação entre as cédulas e as moedas, a relação entre o dinheiro e o trabalho, decisões das crianças e ética.

D’Aquino (2007) considera que a Educação Financeira para as crianças possibilita que estas se tornem, no futuro, “adultos seguros, responsáveis e equilibrados. Adultos, enfim,

capazes de assumirem as rédeas de uma vida independente e, para isso, capazes inclusive, de saber organizar seu dinheiro”. Ela ainda considera que “lidar com o dinheiro leva tempo, treino e persistência” (D’AQUINO, 2007, p. 25) e, por isso, é necessário abordar essas questões desde cedo. Diante disso, a autora destaca a importância de distinguir as coisas que compramos porque desejamos e as coisas que precisamos.

Além disso, sugere que sejam abordadas as questões de conservação do dinheiro, não amassando e/ou rabiscando-o; sob supervisão de um adulto, propor que as crianças manuseiem e comparem cédulas e moedas, percebendo suas texturas, desenhos e outras características; apresentar-lhes a lista de supermercado objetivando evitar o consumo por impulso. Elenca também a importância de buscar situações que possibilitem às crianças entenderem a relação entre o dinheiro ganho e o trabalho, como também provocar a atenção sobre coisas caras e baratas em diferentes lugares.

Outras sugestões apresentadas por D’Aquino (2007, p. 21) são: permitir a participação das crianças na elaboração do orçamento doméstico; permitir que as crianças poupem e tomem decisões e escolhas financeiras mesmo em pequena escala. Ela também enfatiza a necessidade de reforçar a ideia de responsabilidade social e de ética no ganho e no uso do dinheiro.

É relevante destacar que o desempenho de tarefas a fim de receber dinheiro não significa apologia ao trabalho infantil; no entanto, salientamos a importância de as crianças saberem que dinheiro é decorrente de um trabalho. É preciso traçar escolhas para o dinheiro poupado, desenvolvendo um plano de poupança com regularidade sempre que possível. Também é necessário fazer um planejamento, de curto e de longo prazo, de como se gastará o dinheiro.

Inicialmente a autora sugere que se guarde a quantia a ser poupada em um pote transparente para que a criança possa ver e se orgulhar do crescimento de sua “micropoupança” (D’AQUINO, 2007, p. 54). Ela propõe a escolha de um pote e não de um cofrinho porque, na maioria das vezes, o valor do objeto acaba sendo mais caro do que a quantia poupada. Outra questão é a circulação das moedas; deve-se evitar que fiquem paradas e, assim, de vez em quando, realizar a sua troca.

Outra razão para a utilização do pote transparente é o fato de possibilitar que criança não “poupe no escuro” e saiba sempre que quiser a quantia que tem e o que falta para conseguir o que planejou (D’AQUINO, 2007, p. 55). Ela lembra também que, como nessa fase a quantia que se ganha é pouca, é preciso observar os objetivos de curto prazo.

Também destaca que é necessário permitir que a criança sinta a realização de projetos através do planejamento e da poupança, sinta o tempo passar sem atropelo dos adultos, que, muitas vezes por impulso, tentam satisfazer e compensar a ansiedade provocada pela espera em conquistar-se o que foi desejado. Segundo ela, é primordial estimular o pensamento sobre “quanto será poupado? Onde o dinheiro será investido? A necessidade da poupança implicará corte de gastos? Quais? Durante quanto tempo?” (D’AQUINO 2007, p. 47-48).

Além disso, a escritora acrescenta que, no meio do processo, a criança poderá mudar de ideia sobre suas ações de poupar, porém é relevante que ela tenha suas próprias decisões e passe por experiências de escolhas e consequências positivas ou mesmo negativas, como o arrependimento.

D’Aquino também destaca a necessidade de um equilíbrio entre gastar e poupar, já que, por diferentes razões e estímulos, algumas crianças podem passar a desenvolver posturas avarentas ou mesmo consumistas, sendo estas duas extremidades comportamentos preocupantes. Em seus trabalhos, a autora demonstra preocupação em como desenvolver nas crianças a habilidade de poupar e também frisa a importância de saber aproveitar o lado bom de gastar e de poupar. Ela complementa que é fundamental abordar questões que mostrem o valor aos esforços dos pais e distinguir o que é prioridade, necessidade e querer e, sobretudo, valorizar o ato de esperar.

Reinaldo Domingos, no livro “*Terapia financeira: realize seus sonhos com educação financeira*”, publicado em 2012, sugere algumas mudanças no dia a dia em relação às finanças a partir da aplicação da metodologia desenvolvida por ele e embasada na própria vida – Metodologia DSOP –, que contempla os seguintes pilares: diagnosticar, sonhar, orçar e poupar.

O autor sugere que o leitor observe seu comportamento financeiro detalhadamente, busque disciplina e perseverança, registre os sonhos, estabelecendo prazos, e realize orçamentos objetivando realizá-lo. Em relação ao ato de poupar, que é nosso foco de estudo, o autor sugere: “poupe primeiro, invista depois. [...] Guardar dinheiro só faz sentido se for para realizar sonhos” (DOMINGOS, 2012, p. 86).

Segundo ele, é recomendável economizar no mínimo 10% do ganho, visando ao equilíbrio financeiro e à independência financeira. Para ele, é comum as pessoas confundirem o hábito de poupar com ser mesquinho, já que muitas entendem que não se pode gastar de forma alguma, no entanto o autor destaca que não é bem assim. Para ele, torna-se relevante entender que o dinheiro poupado deve ser destinado a algo. Também destaca a importância

em procurar descontos, quitar as dívidas primeiro para depois poupar e aplicar o dinheiro poupado.

Dando continuidade, o autor apresenta o ciclo da independência financeira com os cinco pilares – diagnosticar, sonhar, orçar e poupar. Nosso foco neste momento é o ato de poupar; diante disso, vejamos o que o escritor enumera sobre este assunto:

1. Defina o destino do dinheiro guardado a curto, médio e longo prazo.
 2. Poupe um valor diferente para cada sonho a ser realizado.
 3. Compreenda seu perfil como investidor.
 4. Poupe (guarde) entre 10% e 30% de seus ganhos.
 5. Busque sempre o melhor desconto como forma de poupar.
 6. Diversifique os investimentos de acordo com o tempo de realização dos sonhos.
 7. Acompanhe os resultados obtidos periodicamente.
- (DOMINGOS, 2012, p. 127)

Em complementaridade a esse assunto, Godfrey e Edwards (2007), no livro *“Dinheiro não dá em árvore: um guia para os pais criarem seus filhos financeiramente responsáveis”*, trazem exemplos concretos abarcando planejamento financeiro responsável. Eles propõem uma reflexão sobre o querer e o precisar para pessoas de diferentes idades, envolvendo a força das estratégias da mídia e publicidade.

Esses pesquisadores afirmam a relevância e a necessidade da abordagem da Educação Financeira no ambiente escolar e destacam que não se pode retirar da família sua responsabilidade sobre a temática, pois as crianças conhecem o dinheiro logo que começam a lidar com questões referentes a este. Eles também destacam que “ensinar as crianças a economizar dinheiro é muito importante; mostrar a elas como gastá-lo com sabedoria tem igual relevância” (GODFREY; EDWARDS, 2007, p. 21).

Frente a isso, os autores complementam esta discussão sugerindo a abordagem da Educação Financeira com as crianças da seguinte forma:

[...] Você dá à criança as *ferramentas* necessárias (uma escova e pasta de dentes), em seguida fornece o *ambiente apropriado* um banheiro com a pia, para que ela pratique a disciplina) e finalmente *monitore a atividade* e oferece *encorajamento e elogios* para que a tarefa aprendida continue sendo feita com sucesso. (GODFREY; EDWARDS, 2007, p. 22)

Eles sugerem também a importância de iniciar a abordagem do assunto explicando o que é dinheiro. Segundo os autores, dinheiro é “tudo o que você pode usar para pagar alguém por alguma coisa ou por fazer algo a você (Idem, 2007, p. 22). Eles também definem *economizar* nos seguintes termos: “[...] colocar alguma coisa de lado, em lugar seguro, para ser usada, se necessário, em outra ocasião (Ibidem, 2007, p. 23). Além disso, apontam três

razões que justificam por que é preciso guardar dinheiro, sendo “[...] primeiro, como proteção em caso de emergência; segundo, para a aposentadoria; terceiro, para comprar algo que realmente queremos (Ibidem, 2007, p. 23).

Ricardo Humberto Rocha e Rodney Vergili publicaram em 2007 o livro “*Como começar a esticar seu dinheiro: fundamentos de educação financeira*”, com o objetivo de divulgar conceitos básicos de finanças, despertar no leitor a consciência da importância de adquirir conhecimento sobre finanças, como poupar e adotar regras adequadas de consumo. Os autores consideram que o indivíduo com sólida formação em Educação Financeira torna-se protagonista de suas decisões, entende melhor o contexto da globalização, vota melhor, assume suas responsabilidades como cidadão e mais crítico comprometido com a responsabilidade social e ambiental. Assim, afirmam que Educação Financeira “é a base para uma vida mais digna, responsável e feliz.”

Segundo eles, é importante desde cedo perceber a importância do dinheiro, entender a dificuldade para ganhá-lo e aprender gerenciá-lo de maneira consciente, poupando e gastando com equilíbrio, evitando as polaridades “gastador ou pão-duro”. Já que cada pessoa possui desejos diferentes, é importante que cada uma elabore a lista do que se tem, o que é preciso ter e o que gostaria de ter. Sugerem também a elaboração de um planejamento de curto ou longo prazo, observando a ideia de quanto será preciso economizar para atingir tais metas.

Godfrey e Edwards (2007) também destacam, em um pequeno texto complementar intitulado “Poupar não é pirar”, que não há necessidade de ficar neurótico em poupar ou por não conseguir poupar sem gerar ansiedade e/ou frustração. Utilizam também outro texto intitulado “De grão em grão...”, em que dão destaque à importância de poupar desde cedo, considerando que essa atitude, com frequência, possibilita bom resultado. Eles ainda salientam que, além de saber poupar, é importante saber o que fazer com o dinheiro guardado.

Sobre esse assunto, Stuart (2009) percebe a necessidade de discutir os objetivos das crianças, fazer algum sacrifício para atingir, economizar e realizar trocas, podendo também ser levadas a preverem consequências de certos comportamentos imediatistas que sequer pensam no futuro. Sugere poupar no mínimo 10% do que se ganha, inicialmente em um cofrinho e, posteriormente, em uma conta no banco para receber juros. Após ter poupado uma quantia maior, ela sugere aplicar o valor em um investimento.

Portanto, as ponderações dos autores supracitados sobre o ato de poupar e sobre a abordagem desse tema com as crianças desde pequenas reforçam a relevância desta pesquisa e da proposta de ensino da noção de poupança para estudantes dos anos iniciais.

4 REFERENCIAL TEORICO E O PROBLEMA DE PESQUISA

Neste capítulo, apresentamos uma perspectiva alternativa de Educação Financeira para a escola, que é defendida por Silva e Powell (2013), a qual assumiremos para embasarmos esta pesquisa. Em um segundo momento, apresentamos também nosso referencial teórico. E finalizamos o capítulo discutindo nosso problema de pesquisa.

4.1 NOSSA CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR

Podemos perceber que o tema “Educação Financeira” tem sido abordado em alguns setores da sociedade a partir de diferentes perspectivas. Algumas propostas de Educação Financeira têm como base uma perspectiva mercadológica, individualista, focalizando questões de finanças pessoais. O foco são os consumidores e investidores e, por isso, essa educação não precisa, necessariamente, acontecer em um ambiente escolar. Além disso, alguns formadores são vinculados às instituições bancárias.

Em alguns momentos, a Educação Financeira também é entendida e confundida como matemática financeira, sendo utilizada apenas para trabalhar conceitos e habilidades matemáticas. Em contrapartida, há também iniciativas que têm outro olhar sobre a temática como é o caso da proposta apresentada por Silva e Powell (2013), na qual nos pautamos.

A proposta de Educação Financeira Escolar defendida por Silva e Powell em seu artigo “Um programa de Educação Financeira para a matemática escolar da educação básica”, de 2013, é voltada para a Educação Básica das redes públicas, que tem como propósito a inserção do tema como parte da formação matemática, desenvolvida ao longo de toda a Educação Básica e não limitada ao estudo de finanças pessoais. Ao construírem essa proposta, eles ressaltam que foi de suma importância, primeiramente, identificar como seria o perfil de um sujeito educado financeiramente.

Ao contrário de alguns escritores que comungam da perspectiva bancária da Educação Financeira, os autores supracitados compreendem que a Educação Financeira discutida na Educação Básica deve ser vista para além uma estratégia que visa à aquisição de conhecimentos para “sucesso no mercado financeiro” ou mesmo à conquista “da independência financeira”, indo além das questões individualistas, pois consideram o espaço escolar culturalmente rico. Segundo estes estudiosos, é preciso considerar as dimensões pessoal, familiar e social para pensar em Educação Financeira.

Dando continuidade, Silva e Powell (2013, p. 12) esboçaram o possível perfil do estudante quando educado financeiramente. Segundo eles, diante de situações de questões financeiras e de consumo, o estudante:

- a) [...] analisa e avalia a situação de maneira fundamentada, orientando sua tomada de decisão valendo-se de conhecimentos de finanças, economia e matemática;
- b) Opera segundo um planejamento financeiro e uma metodologia de gestão financeira para orientar suas ações (de consumo, de investimento...) e a tomada de decisões financeiras a curto, médio e longo prazo;
- c) Desenvolveu uma leitura crítica das informações financeiras veiculadas na sociedade.

Os autores ressaltam que o foco desta proposta de Educação Financeira não é no consumidor, mas nos estudantes no contexto escolar. Para eles, a Educação Financeira Escolar

[...] constitui-se de um conjunto de informações através do qual os estudantes são introduzidos no universo do dinheiro e estimulados a produzir uma compreensão sobre finanças e economia, através de um processo de ensino, que os torne aptos a analisar, fazer julgamentos fundamentados, tomar decisões e ter posições críticas sobre questões financeiras que envolvam sua vida pessoal, familiar e da sociedade em que vivem. (SILVA; POWELL, 2013, p. 12-13)

Além disso, consideram quatro eixos norteadores das temáticas; no entanto, destacam que os temas não devem limitar-se em um ano, mas devem ser discutidos de forma contínua ao longo de toda a formação, com auxílio de materiais didáticos, com tarefas envolvendo situações e problemas ligados a temas atuais próximos ao contexto do educando. Além disso, destacam que é necessário ser abordado em outras disciplinas e não só nas aulas de matemática.

Os eixos propostos pelos pesquisadores são: Noções básicas de Finanças e Economia; Finança pessoal e familiar; As oportunidades, os riscos e as armadilhas na gestão do dinheiro numa sociedade de consumo; e As dimensões sociais, econômicas, políticas, culturais e psicológicas que envolvem a Educação Financeira (SILVA; POWELL, 2013, p. 14).

Ressaltamos que, neste trabalho, tomamos como base os eixos I e IV, em que propõem como temas a serem abordados as noções básicas de finanças e economia e questões sociais, respectivamente. O eixo I apresenta como temas de discussão: o dinheiro e a sua função na sociedade; a relação entre dinheiro e tempo – um conceito fundamental em finanças; noções de juros, poupança, rentabilidade e liquidez de um investimento; as instituições financeiras; a noção de ativos e passivos e aplicações financeiras. Já no eixo IV, são sugeridos alguns temas voltados as dimensões sociais, como consumismo, consumo, produção de lixo e impacto ambiental, salários, desigualdade social, ética, dinheiro e também solidariedade.

Baseados neste modelo alternativo de Educação Financeira que tem como foco principal o estudante, elaboramos tarefas a serem desenvolvidas com estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental – que serão apresentadas no capítulo sobre a metodologia de pesquisa –, tendo como foco a noção de poupança nos anos iniciais e abarcando outros temas: como gerar dinheiro, planejamento, a relação entre dinheiro e tempo, ética, solidariedade e poupança, sendo neste caso considerada para além da concepção de produto financeiro.

4.2 O MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS

Nesta pesquisa, tomamos como referencial teórico o Modelo dos Campos Semânticos (MCS) proposto pelo educador matemático Rômulo Campos Lins (1999), o qual teve como base as contribuições de Vygotsky e Leontiev. Esta perspectiva foi pensada para a sala de aula e tem como foco a aprendizagem.

Lins (1993) defende a necessidade do desenvolvimento de um projeto de educação matemática que dê voz aos alunos, relacionado com a vida deles. Assim, nesta seção, discorreremos sobre alguns elementos que sustentam essa teoria.

O autor, ao propor o MCS como modelo teórico epistemológico, buscou entender inicialmente as seguintes questões: “(i) o que é conhecimento?; (ii) como é que conhecimento é produzido?; e (iii) como é que conhecemos o que conhecemos?” (LINS, 1993, p. 77). Com base nisso, ele afirma que, para o MCS,

[...] conhecimento é uma crença-afirmação junto com uma justificação para a crença-afirmação. Indicamos, desta forma, que conhecimento é algo do domínio da enunciação – e que, portanto, todo conhecimento tem um sujeito – e não do domínio do enunciado, podemos também expressar este fato dizendo que conhecimento é do domínio da fala, e não do texto. (LINS, 1994, p. 29)

Para ele, o processo de produção do conhecimento envolve a justificação, que é aquilo que é afirmado pelo sujeito, e a crença-afirmação, sendo esta o que o sujeito acredita e anuncia. Assim, não é suficiente enunciar algo em que se acredita; torna-se necessário realizar uma justificação, que é algo que o sujeito está autorizado a dizer e diz. Em consonância a isso, Silva (2003, p. 6) compreende que a justificação tem um desempenho fundamental no estabelecimento do conhecimento do sujeito, já que sua função “não é explicar a crença-afirmação, mas tornar sua enunciação legítima”.

Lins afirma que “conhecimento é uma crença afirmação junto com uma justificação para que eu possa produzir esta enunciação. Ele enfatiza que “[...] o significado de algo é aquilo que digo desse algo: Grosso modo, significado, para mim, é o que a coisa é” (LINS, 1999, p. 86-87). E acrescenta que:

[...] justificação é o que garante – para o sujeito do conhecimento- que ele pode enunciar aquela crença- afirmação. [...] todo *conhecimento* é produzido na direção do outro, o que quer dizer que o sujeito que produz deve acreditar que alguém compartilha com ele aquela *justificação*. (LINS, 1999, p. 142)

Outro aspecto apontado por Lins (1993) é o fato de que o MCS não visa a analisar se um conhecimento é mais importante que outro. Diante disso, ele salienta que o modelo não opera com juízo de valor e, por isso, não considera algo certo ou errado, pois entende que toda operação realizada pelo sujeito é conduzida por uma lógica e, assim, torna-se fundamental entender as formas de pensar dos estudantes, já que, às vezes, o ambiente escolar sequer preocupa-se em saber onde o aluno está, mas se preocupa em ditar onde ele deveria estar.

Segundo o autor, a possibilidade de compartilhar as diferenças permite o professor compreender como seus alunos estão operando e, diante disso, propõe que o MCS seja usado em ação, ou seja, na sala de aula. Ele salienta que os significados que são produzidos revelam onde o sujeito está e, assim, após uma negociação, possa alcançar lugares novos. Para Lins (1993), a expressão “onde está” refere-se à identificação das legitimidades de significados da pessoa no momento e, além disso, reforça a ideia de que o modelo permite a leitura do processo em andamento e em mudança, pois entende que nada é duradouro e tudo é propenso à mudança, já que os “processos cognitivos” se transformam continuamente.

Ainda sobre isso, Lins destaca que “[...] nenhum conhecimento vem ao mundo ingenuamente”. Para ele, o autor é “aquele que o *produz*, que o *enuncia*, já fala em uma direção (o *interlocutor*) na qual o que ele diz, e com a justificação que tem, *pode ser dito* (LINS, 2012, p. 13). Assim, o pesquisador propôs as noções de *autor*, *texto* e *leitor*, que compõem o processo comunicativo. O seguinte diagrama representa o processo de comunicação de acordo como o MCS:



O pontilhado na representação acima indica, de acordo com Lins (1999, p. 81), que “apenas na construção do autor que a “transmissão” existe, e o fato crucial é que toda enunciação deve ser dirigida a alguém que chamarei de interlocutor”. Dando continuidade, ele

aponta que no momento em que O LEITOR lê um resíduo de enunciação e sente-se capaz de constituir UM AUTOR – sendo este um ser cognitivo e não biológico – capaz de expressar-se agora.

Vejamos como Lins (1999) representa este processo:



Com o intuito de esclarecer o diagrama acima, Lins pondera que “[...] vale a pena enfatizar que é apenas na medida em que o leitor fala, isto é, *produz significado para o texto*, colocando-se na posição de autor, que ele se constitui como leitor (LINS, 1999, p. 82). Destaca também que, ao nos colocarmos na posição de “*o autor e de o leitor* em cada um desses processos, terminamos por fundir as duas imagens, e os pontilhados desaparecem, restando a sensação psicológica de comunicação efetiva” (LINS, 1999, p. 82). Diante dessas questões, o autor propõe a ideia de espaço comunicativo e defende que o material direcionado a sala de aula ter esse foco.

Para o modelo dos campos semânticos, o significado de algo está relacionado com que O LEITOR pode e efetivamente diz sobre um objeto no interior de uma atividade. Já produzir significado é produzir ações enunciativas que podem ser a fala, a escrita, a expressão gestual e/ou corporal sobre um objeto, dentro de um espaço comunicativo. Além disso, o referido autor considera que o texto é:

[...] o resíduo de uma enunciação. Mas quem pode dizer se algo é um texto ou não é apenas o leitor, e apenas no instante em que este leitor produz significado para o texto. Tanto quanto não há leitor sem texto, não há texto sem leitor. (LINS, 1999, p. 82)

Complementando essa ideia, o autor considera que:

[...] Então: o autor produz uma enunciação, para cujo resíduo o leitor produz significado através de uma outra enunciação, e assim segue. A convergência se estabelece apenas na medida em que compartilham interlocutores, na medida em que dizem coisas em que outro diria e com autoridade que o outro aceita. (LINS, 1999, p. 82)

Diante desses apontamentos, o autor complementa que “a escola tem tido o efeito de estreitar as possibilidades cognitivas dos alunos, quando deveria ampliá-las” e, nesse sentido, “[...] o que queremos é que nossos alunos sejam também capazes de trabalhar com significados matemáticos, mas não apenas com eles” (LINS, 1997, p. 28).

O MCS foge de modelos prontos como os apresentados no modelo tradicional de ensino. Essa perspectiva defende que se torna possível ler algumas legitimidades dos

participantes expressas na realização das atividades. Porém, é importante que não seja realizado nenhum tipo de juízo de valor, uma vez que é preciso considerar que “somos todos diferentes” (LINS, 1999) e nem sempre tudo que se fala é entendido de forma fiel ao que foi realmente enunciado.

Além disso, o autor sustenta que, para desencadear o uso da linguagem, torna-se necessário introduzir situações motivadoras que provoquem uma inquietação nos estudantes, que fujam das perguntas padronizadas e possibilitem a produção de significado e “façam com que o estudante elabore hipóteses de solução para o proposto” (LINS, 1997, p 56). De acordo com Lins, isso é possível a partir de:

a) de histórias com perguntas abertas, às quais é preciso responder; b) de histórias em quadrinhos sem desfecho, que devemos completar; c) de situações em que nos colocamos “no lugar do outro” (“faça de conta que Pitágoras e descreva sua descoberta”); d) de encaminhamento de um diálogo com alguém que não está presente (como explicaria algo para seu amigo por carta?). (LINS, 1999, p. 85)

4.3 O PROBLEMA DE PESQUISA

Na tentativa de abarcar os aspectos considerados por nós e apontados pelos autores supracitados como fundamentais para elaboração de tarefas voltadas às crianças, propomos, como problema de pesquisa, investigar a produção de um conjunto de tarefas sobre poupança referenciadas teoricamente para a inserção na sala de aula do 2º ano do Ensino Fundamental. Buscamos estimular a produção de significados dos estudantes sobre a noção de poupança, sendo esta entendida para além da caderneta de poupança, sendo vista em pequenas ações cotidianas como desperdício, solidariedade, planejamento, aquisição de dinheiro como também economia.

Loth (2011), em sua pesquisa de mestrado, discorreu sobre algumas características fundamentais que as tarefas precisam conter que permitam ao estudante usar a matemática e produzir significados para além dela, com situações que possuam diferentes possibilidades de respostas e que estimulem também as tomadas de decisão diante de situações-problema. Desse modo, devem permitir aos professores a leitura dos significados produzidos, no espaço comunicativo que será sala de aula.

Além das contribuições de Loth (2011) sobre as características das tarefas, destacamos que outras especificidades dos estudantes em fase de alfabetização foram consideradas importantes no processo de elaboração e desenvolvimento da pesquisa de campo. Ponderamos também os aspectos favoráveis à aprendizagem dos estudantes dos

primeiros anos de escolarização, principalmente as atividades lúdicas. Contudo, ressalte-se o fato de os estudantes dos primeiros anos de alfabetização ainda não dominarem totalmente o sistema de escrita e leitura e, por isso, outros instrumentos foram utilizados, como a oralidade, a exploração de imagens de ficção e/ou reais, textos apropriados para tal fase, utilizados com a dramatização. Foi usado também o diário de bordo.

De acordo com Sandroni (1986) e Machado e Abramovich (1997), esses elementos vão além dos textos escritos, pois fornecem muitos detalhes que possibilitam mais envolvimento e expressão de diferentes percepções e argumentos das crianças no desenvolvimento das ações pedagógicas.

Muitas crianças não compreendem e não diferenciam com facilidade as noções de curto, médio e longo prazo, pois a noção de temporalidade desse público encontra-se em formação, distanciando-se, assim, da percepção dos adultos. Por essa razão, torna-se fundamental ter cuidado ao abordar questões que envolvam espaços de tempo, visto que esse aspecto ainda não está consolidado pelas crianças e podem confundi-las. Além disso, destacamos a importância de considerar os conhecimentos “não escolares”, adquiridos em suas experiências cotidianas.

Neste caso, particularmente, as atividades foram direcionadas para os estudantes do 2º Ano do Ensino Fundamental, tendo como base, especialmente, o eixo I o eixo IV da proposta de Silva e Powell (2013, p. 14) descritos na primeira seção do capítulo. Elas foram desenvolvidas considerando as características gerais da faixa etária em questão, utilizando-se a linguagem oral e a escrita.

As tarefas abordaram o ensino da noção de poupança e as ideias correlacionadas a ela, como situações que permitam o refletir sobre como gerar dinheiro, planejar como gastá-lo, além das situações que envolvam a solidariedade, o ato poupar e a contagem do dinheiro, dentre outras. Houve também uma tarefa que foi considerada por nós como tarefa disparadora das discussões e, apesar de estarem separadas, essas tarefas se complementaram.

O Produto Educacional resultante desta pesquisa consiste em uma proposta de ensino para professores dos anos iniciais, contendo duas tarefas sobre o tema poupança e o referido material apresenta as potencialidades das tarefas e como estas se aplicam.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, discorremos sobre o caminho teórico-metodológico da investigação. Para tanto, iniciamos caracterizando nossa pesquisa, seguida de algumas reflexões sobre nossa investigação e apresentando os procedimentos metodológicos necessários. Fechamos o capítulo apresentando as tarefas que foram validadas pelos os participantes durante a pesquisa e que compõem o Produto Educacional.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA E DOS PARTICIPANTES

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, baseada na perspectiva de Bogdan e Biklen (2013). Segundo os autores, esse tipo de pesquisa possui características que permitem compreender, por meio dos discursos dos participantes, o processo mediante o qual estes construíram seus significados e é o que mais contribui para reflexões relacionadas a questões educativas, pois não objetiva generalizar os fatos, já que tem como foco analisar um contexto específico.

O estudo de campo ocorreu em uma escola pública de Juiz de Fora e teve como participantes da pesquisa 17 estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental, com aproximadamente 8 anos de idade. Essas crianças foram identificadas por pseudônimos para que suas identidades sejam preservadas. A professora convidada que participa de alguns momentos também teve sua identidade preservada.

Como instrumento de coleta de dados, utilizamos uma câmera de vídeo com gravação de áudio, pois, em consonância com Meira (s./d.), compreendemos que essa ferramenta permite uma melhor captação de falas e dos dados, juntamente com o auxílio da transcrição e das imagens das expressões corporais e faciais dos participantes, complementando as informações coletadas a partir da observação. Posteriormente, os dados obtidos são analisados em conjunto, possibilitando uma reflexão mais fidedigna à produção de significados dos participantes da pesquisa.

Quadro 3 – Convenções para a transcrição

CONVENÇÕES PARA TRANSCRIÇÃO	
Pseudônimos	Participantes
Pesq.	Pesquisadora
[]	Colchetes são usados para indicar gestos, expressões e atitudes dos sujeitos de pesquisa;
/ /	Palavras entre barras indicam sobreposição de falas
/	Uma barra indica interrupção súbita ou mudança na direção de uma fala;
...	Reticências indicam pausa prolongada
[...]	Reticências entre colchetes indicam omissão de partes da transcrição e
“ “	Aspas indicam que o sujeito de pesquisa está lendo o que está dizendo ou para uma única palavra muito informal.
()	Parênteses para comentários da pesquisadora.

Fonte: Elaborado pela autora.

Para complementar a leitura da produção de significados das crianças durante as tarefas, foi utilizado um diário de bordo, que consiste em caderno ou bloco para anotações diárias ou registros de ações, comportamentos, expressões e até mesmo contratempos ocorridos de cada etapa da pesquisa. Este instrumento é aplicado em várias áreas do conhecimento e possibilita que o pesquisador recorra às informações feitas durante as observações durante a pesquisa, sempre que necessário.

Outra questão relevante sobre o processo de registro da pesquisa, salientado por Powell, Francisco e Maher (2004), é a garantia da ética, por meio do consentimento formal dos participantes de pesquisa e/ou de seus responsáveis – pais, instituições, etc. Assim, é utilizado o Termo de Consentimento, que contempla informações sobre a pesquisa e permite o uso dos registros desenvolvidos e também a liberdade de desistir a qualquer momento do estudo, além de garantir o sigilo da identidade e/ou de imagens dos envolvidos na pesquisa.

Desenvolvemos um conjunto de tarefas referenciadas teoricamente, sendo uma considerada por nós tarefa disparadora da discussão. Elas objetivaram identificar a produção de significados dos estudantes sobre poupança e ideias relacionadas tais como desperdício, dinheiro e tempo, como ganhar dinheiro, planejar como seria gasto.

As características dos estudantes em fase de alfabetização foram consideradas importantes no processo de elaboração e desenvolvimento da pesquisa de campo. Consideramos também os aspectos favoráveis à aprendizagem com as atividades lúdicas, envolvendo noções de temporalidade. Além disso, levou-se em conta que os participantes pesquisados ainda não dominam bem o sistema de escrita e leitura e, por isso, outros instrumentos foram utilizados, como a oralidade, a exploração de imagens de ficção e/ou reais e textos apropriados à faixa etária foco de estudo.

Como consequência desta pesquisa, desenvolvemos o Produto Educacional, que, em formato de uma proposta didática para professores, apresenta uma sequência de tarefas sobre poupança para estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, contendo a possibilidade em trabalhar as potencialidades das tarefas, buscando entender como estas se aplicam e uso em sala de aula.

5.2 DESCRIÇÃO DA TAREFA DISPARADORA

A tarefa disparadora utilizada nesta pesquisa consiste na elaboração de uma poupança coletiva da turma de segundo ano do Ensino Fundamental para arrecadar dinheiro para uma visita ao Centro de Ciências da Universidade Federal de Juiz de Fora – MG.

Durante esse processo, foi desenvolvida com os alunos uma reflexão ao longo das aulas sobre a importância de poupar, discutindo-se sobre como gerar o dinheiro, em que lugar ele seria guardado e em com que seria gasto.

Os aspectos institucionais para o desenvolvimento do projeto de uma atividade extraclasse foram todos observados. Foi necessário que a equipe pedagógica permitisse o desenvolvimento da pesquisa de mestrado com a turma que a pesquisadora lecionava, bem como a autorização para ida ao Centro de Ciências. Somente depois disso apresentamos a proposta aos pais e responsáveis para futura autorização, para, assim, realizar o agendamento da visita ao Centro de Ciências e organizar as outras questões, como o transporte e a alimentação dos estudantes.

Diante dessas questões, a pesquisadora apresentou brevemente à direção da escola as ações promovidas pelo Centro de Ciências e a intenção em desenvolver a pesquisa com os alunos da turma em questão a qual lecionava. A direção apoiou a proposta, autorizando também a realização da pesquisa com a turma. Além disso, foi necessária uma parceria com a professora de outra turma, que participaria de alguns episódios, como na compra dos

chaveiros e na contagem do dinheiro a ser pago pelos objetos, juntamente com os estudantes participantes da pesquisa.

Aproveitando a reunião de pais, foi apresentada a proposta da atividade extraclasse e como esta poderia contribuir para o desenvolvimento das crianças. Desde então, os responsáveis pelos estudantes autorizaram a participação dos alunos nas atividades que foram desenvolvidas.

Após conversa com as famílias e com a direção, foi necessário ter as orientações de como funcionaria a visita, verificando se as exposições seriam adequadas à faixa etária dos estudantes e, posteriormente, o agendamento foi realizado. Feito isso, foi necessário conseguir o transporte, por meio de ofícios direcionados às empresas de ônibus locais, a fim de conseguir o transporte de forma gratuita. Já a alimentação das crianças seria usada como uma problemática, à qual a turma seria apresentada durante os encontros.

A tarefa disparadora foi pensada a partir das ponderações dos autores apresentados durante a revisão da literatura e das contribuições de D'Aquino (2008), Cerbasi (2006) e Stuart (2009) sobre a importância de educar financeiramente as crianças, abordando as questões relacionadas ao ato de poupar: planejar, gerar dinheiro, noção de tempo, poupar e gastar de forma consciente. A tarefa disparadora foi construída ao longo de oito encontros com os alunos, intitulados como episódios. É válido destacar que as ações desenvolvidas durante os encontros se complementam.

A Tarefa I teve como objetivos principais o planejamento das ações para conseguir dinheiro, estabelecimento de metas, ações para gerar dinheiro para o lanche da turma e poupar durante um tempo, refletir sobre o ato de poupar, refletir a importância do ato de poupar; e, posteriormente, gastar o dinheiro adquirido com o objetivo indicado anteriormente – o lanche para o passeio ao Centro de Ciências.

Inicialmente, os estudantes foram convidados para realização de uma visita ao Centro de Ciências da Universidade Federal de Juiz de Fora e, em seguida foram expostos à tarefa disparadora: “Como conseguir dinheiro para o lanche da turma?”. Diante dessa problemática, eles foram convidados a discutirem sobre como podem gerar dinheiro, como guardá-lo, planejar suas ações, analisar a quantia adquirida, como e com que gastar o valor poupado.

A sala de aula foi tematizada a partir do Episódio 2 com símbolos relacionados ao dinheiro como o cifrão, moedas de ouro, cofrinho, tesouro e sacos de moedas. Em todos os encontros, os estudantes sentaram em círculo para que todos pudessem se ver ao discutirem os assuntos propostos.

Os assuntos introduzidos em cada episódio foram retomados durante os encontros posteriores. Após apresentação da problemática, os estudantes participaram de uma contação de história da Fábula “O Sabiá e a Formiga⁸”, elaborada por Silva e Souza (2016), tendo como recurso o uso de “palitoches”. As crianças foram levadas para o jardim da escola, ambiente semelhante ao narrado na história apresentada. Após a apresentação da história, as crianças realizaram algumas considerações sobre a narrativa e, no encontro seguinte, o tema foi retomado e foram propostas algumas questões objetivando a aproximação dos fatos do texto com a vida real.

Dando continuidade, uma discussão foi proposta sobre o que poderia ser o lanche, quanto precisariam arrecadar em dinheiro e, posteriormente, foram questionados se possuíam sugestões para alcançarem a meta desejada. É válido destacar que as decisões foram coletivas. A professora conduziu as discussões, considerando as possibilidades de concretização das decisões e salientou que, havendo necessidade, algumas adaptações ou novo planejamento seria feito.

No episódio seguinte, foi preenchido um cartaz com os produtos que seriam comprados e seus respectivos valores, a fim de que as crianças visualizassem as metas e desejassem cada vez mais alcançá-las. Foi decidido com a turma que eles confeccionariam alguns objetos a serem vendidos, inicialmente chaveiros feitos com material emborrachado e o valor destes e que cada item teria o valor de um real.

Foi combinado com outros professores que comprariam realmente os objetos confeccionados por eles, utilizando o dinheiro dado pela professora-pesquisadora sem que as crianças soubessem. Nesse episódio foram vendidos os chaveiros e foram abordadas algumas questões como qual o valor total que seria pago, se poderia levar a mercadoria sem o total do dinheiro, quanto ainda faltava para completar a quantia desejada. Após a primeira venda, foi levantada a questão sobre onde seria guardado o dinheiro e, em seguida, foi feita a apresentação do cofrinho em formato de porquinho, com parte corpo transparente e de fácil abertura para a contagem do dinheiro, ressaltando a importância de que este precisava de local seguro para ser guardado.

Nos episódios seguintes, as crianças participaram de momentos de contagem do dinheiro, reconhecimento de seus valores, buscando refletir sobre o valor adquirido, quanto de dinheiro faltava para atingir a meta, a composição de algumas quantias (possibilidades para formar R\$ 1,00, por exemplo). Foi dito aos alunos que próximo ao dia do passeio o dinheiro

⁸ A fábula “O sabiá e a formiga” (ver Anexo), elaborada por Silva e Souza (2016), consiste em uma releitura da fábula “A cigarra e a formiga” e é utilizada com o auxílio do palitoches.

seria contado novamente, para definição do que realmente daria para comprar e que, caso houvesse necessidade, seria necessário ter alternativas de compra.

Os encontros foram gravados e, posteriormente, transcritos. Foi usado um diário de bordo com o intuito de complementar, por meio das observações diárias, as falas e os registros feitos pelos estudantes.

Durante o desenvolvimento dos episódios, os estudantes sinalizaram o interesse em continuar gerando dinheiro para outros passeios; também sugeriram um cofrinho individual para que em casa tenham dinheiro e possam usar para outras finalidades. Nota-se, assim, a necessidade de desenvolver outra tarefa com essas crianças.

5.3 O PRODUTO EDUCACIONAL

Os mestrados profissionais têm como objetivo o desenvolvimento de Produtos Educacionais, compostos por materiais didáticos direcionados para a sala de aula, destinados tanto para os estudantes, quanto para os professores. Este Produto Educacional tem como base o tema central da pesquisa, ou seja, a noção de poupança nos anos iniciais.

O Produto Educacional desenvolvido durante esta pesquisa está organizado em duas partes. Na primeira, é apresentado o embasamento teórico que sustenta o desenvolvimento das tarefas, as concepções de poupança e a relevância de abordar o tema com estudantes dos anos iniciais. Além disso, são elencados os objetivos e algumas sugestões extras para cada etapa das tarefas. Na segunda parte, é detalhado como estas se desenvolveram com os participantes da pesquisa. É válido destacar que as tarefas que compõem este material didático não são prescritivas. O objetivo é apresentar ao professor uma sugestão de como abordar a temática poupança com as crianças e, assim, as ações podem ser adaptadas conforme o interesse da turma ou da realidade local.

Dessa forma, desenvolvemos uma proposta de ensino para professores, com tarefas direcionadas para os estudantes segundo ano do Ensino Fundamental, tendo como tema a noção do ato de poupar. No entanto, ressaltamos que as tarefas podem ser adaptadas e aplicadas em outra etapa de escolarização.

6 A PESQUISA DE CAMPO

Neste capítulo, discorreremos sobre o desenvolvimento da pesquisa de campo, descrevendo detalhadamente como os encontros – intitulados como episódios – ocorreram. Além disso, são analisadas algumas falas dos estudantes.

6.1 TAREFA I

TAREFA I: O passeio ao Centro de Ciências

Episódio 1: O processo se põe em marcha...

No primeiro episódio, realizado em 26 de junho de 2018, foi apresentada às crianças a problemática do projeto, que tinha como finalidade levá-los a refletir sobre a noção de poupança: a proposta de um passeio ao Centro de Ciências da Universidade Federal de Juiz Fora. O passeio gerou a necessidade de conseguir dinheiro para a compra do lanche da turma.

Os estudantes ficaram empolgados com a proposta e deram algumas sugestões para a arrecadação do dinheiro, como pedir aos pais, vender docinho na porta da escola e fazer uma rifa. No entanto, alguns alunos disseram não teriam dinheiro para o passeio, visto que os pais estavam desempregados. Durante a discussão do projeto com a turma, já havíamos antecipado essas questões e, por isso, nesse momento o objetivo seria apenas apresentar a temática e possibilitar que os estudantes buscassem possíveis soluções para a questão apresentada de forma com que todas as crianças da turma pudessem participar do passeio e, em outro momento, essa problemática seria retomada e com novas sugestões.

Dando continuidade, a professora sugeriu que as crianças pensassem em como poderiam conseguir dinheiro e, no encontro posterior, apresentariam suas ideias. Além disso, foi marcado no calendário o dia em que seria realizado o passeio, para assim abordar a temporalidade: quantos dias faltavam, quantos meses faltavam, em que mês seria e em que dias da semana (isso foi abordado em todos os encontros como também a utilização do relógio marcando o horário de saída e retorno dos estudantes).

Episódio 2: Como gerar dinheiro?

O segundo episódio iniciou-se no dia 1º de agosto de 2018, a partir do momento de contação de história da fábula “O sabiá e a Formiga”. Esta foi apresentada por meio de palitoches (imagens das personagens pregadas em palitos); o cenário foi o jardim da escola – um ambiente rico em elementos presentes tanto no enredo, quanto no dia a dia das crianças – com árvores, flores, insetos e pequenos animais –, visando que as crianças estabelecessem aproximação com o ambiente da narrativa e das questões propostas para reflexão.

Quatro alunos foram escolhidos para conduzirem os palitoches com as personagens. No decorrer da história, a professora apresentou algumas questões para reflexão: como o sabiá iria conseguir comida, como poderia ser o salário dele sendo pago em dinheiro ou em comida, dentre outras questões.

Figura 2 – Palitoches usados para a dramatização da fábula



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Esse momento teve como objetivo fomentar a ideia de conseguir dinheiro por meio do trabalho, demonstrado pelas atitudes das formigas e, posteriormente, pelo pássaro – personagem da fábula.

Vejam algumas questões postas para os alunos pela pesquisadora e como eles responderam. Considere as seguindo as convenções utilizadas para o registro das transcrições das falas contidas no quadro 3.

Pesq: O sabiá não guardou comida para o decorrer da semana. Como ele conseguirá comida?

Caio: Ele pedirá ao amigo dele!

Já a outra criança sugere que o pássaro coma as frutinhas que encontrar. Diante desses apontamentos, na tentativa de problematizar mais um pouco, a professora questiona:

Pesq. E se não tiver? E se ele não encontrar as frutinhas?

Seguindo a narrativa, a pesquisadora disse que as formigas iriam propor que o pássaro trabalhasse cantando para elas e, assim, o dia de trabalho não seria tão cansativo, porém a aluna Carmem interrompeu dizendo:

Carmem /Não adiantaria nada, pois o pássaro não iria ganhar nada por cantar!/
/

Nota-se que, em sua produção de significados, Carmem parece não identificar o ato de cantar como uma profissão. Complementando a fala da colega, outra aluna interrompeu dizendo:

Sofia: /Ele não vai ganhar comida!/
/

Aproveitando as considerações das estudantes, a professora continuou contando a história dizendo que as formiguinhas pagariam um salário pelo trabalho do pássaro. Logo em seguida, Carmem salientou que as formigas poderiam fazer comida para o sabiá como forma de pagamento.

Sem descartar as considerações feitas pelas crianças, a professora propôs que elas respondessem como se fossem o sabiá, então, a professora perguntou:

Pesq: Você prefere que seu salário seja pago em dinheiro ou em comida, um pouco a cada dia?

As crianças escolheram o pagamento em comida, sinalizando, assim, que, nesse contexto, a alimentação é mais relevante que o valor em dinheiro.

Finalizada a história, foi feita a encenação desse momento. A criança com palitochê do sabiá assobiou uma melodia enquanto as formiguinhas trabalhavam e, logo depois, entregaram imagens de frutinhas para o sabiá como pagamento por tal trabalho.

Por fim, os alunos fizeram comentários sobre a vida dos animais; no entanto, as questões apresentadas na história foram retomadas no encontro seguinte, assim, teriam tempo para pensar sobre os fatos e fazer suas apreciações.

Episódio 3: Como gerar o dinheiro para a compra do lanche?

No dia 6 de agosto de 2018, foi realizado o episódio 3. A sala foi decorada com ilustrações relacionadas ao tema dinheiro e poupança como imagens de cifrão, potes de moedas de ouro e cofrinho em formato de porquinho, objetivando introduzir o tema “poupança” a partir daquele momento.

As crianças foram organizadas em círculo para que todas pudessem se ver e, assim, em uma conversa, retomamos a problemática – como conseguir dinheiro para o lanche do passeio ao Centro de Ciências. Nesse momento, foram postas as seguintes questões como conseguir dinheiro, o que comprar para o lanche, a quantidade de dinheiro necessário e o tempo para consegui-lo, visando, assim, ao estabelecimento das metas a serem alcançadas.

Durante a conversa, foi acordado com as crianças que, inicialmente, seriam confeccionados alguns chaveiros com material emborrachado e enfeitado por eles para arrecadarem dinheiro para a compra do lanche que levariam no passeio proposto. Em relação ao que comprar, foram votados: suco, pães e bolo. A quantidade de dinheiro estipulada seria de quarenta reais (R\$ 40,00), sendo esta a meta estabelecida, considerando que a direção completaria o valor necessário para aquisição dos produtos ou mesmo teriam doações. No entanto, as próprias crianças solicitaram que a direção doasse os pães e, caso necessário, a professora da outra turma completasse o dinheiro ou doasse algo, visto que a outra turma seria convidada para o passeio, pois são crianças da mesma idade e estudaram juntos no ano anterior, possuindo assim uma amizade precedente entre as turmas.

O material usado nesse episódio foi um cartaz com as informações sobre o que as crianças sugeriram para o lanche e a quantidade necessária para as duas turmas e o valor da possível compra. O cartaz foi organizado da seguinte forma:

Quadro 4 – Cartaz: lista de compras para o lanche do 2º ano EF

LISTA PARA O LANCHE		
LANCHE	QUANTIDADE	VALOR*⁹
BOLINHO	37	R\$ 20, 00
SUCO	37	R\$ 20, 00
TOTAL		

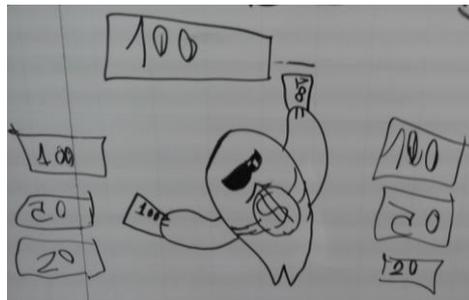
Fonte: Quadro feito pela pesquisadora durante o Episódio 3 e preenchido com a participação dos estudantes participantes da pesquisa

⁹ Valor aproximado do total de cada produto.

Assim, foi proposto que os estudantes pensassem qual o total em dinheiro que seria necessário e se o valor seria suficiente. Os alunos ficaram ansiosos e demonstraram interesse em ajudar na arrecadação do dinheiro. Foi destacado também que não seria necessário pedir dinheiro aos familiares, já que as ações desenvolvidas seriam suficientes.

É válido destacar que, desde que a sala de aula foi tematizada e que iniciaram as reflexões sobre o ato de gerar e de poupar dinheiro, um estudante diagnosticado como autista realizou alguns desenhos referentes a este contexto. Ele associou a temática em questão com a música “A foca” de Chico Buarque e Vinicius de Moraes, trabalhada anteriormente em sala de aula, a qual objetivava trabalhar o sistema de escrita e leitura das crianças. O referido aluno desenhava no início de cada aula uma foca com dinheiro na mão, cordão de ouro e com pingente de cifrão e, às vezes, complementava com recursos de história em quadrinhos – um balão de pensamento com notas e moedas. Vejamos as ações enunciativas produzidas pelo aluno João:

Figura 3 – Produção do aluno



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Figura 4 – Produção do aluno



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Ao ser questionado sobre o significado dos símbolos colocados na personagem, João afirma:

João: Você sabe! Você sabe!

Assim, ele sugere que esse tipo de assunto não pode ser comentado na sociedade e indica que esses símbolos “óculos com detalhe de brilho, cordão de ouro e o cifrão” pode ser questão de *status* social

Episódio 4: Mãos à obra! Vamos gerar dinheiro?

Esse episódio foi desenvolvido nos dias 08 e 13 de agosto de 2018 e objetivou dar continuidade ao assunto do encontro anterior com as crianças. Aproveitando que elas estavam envolvidas com as ações propostas para a geração do dinheiro, foi questionado sobre em que lugar o dinheiro seria guardado de forma segura. O aluno Davi sugeriu que o dinheiro fosse guardado em um cofre que tinha em casa e poderia emprestá-lo. Já o aluno Lucas disse que poderia ficar em um saquinho, guardado na sala da direção por ser um lugar seguro.

Aproveitando a oportunidade, foi apresentado a eles um cofre feito de material reciclável, que ficou guardado na própria sala de aula; no entanto, foi reforçado que todos os participantes seriam responsáveis em não deixar ninguém mexer. O cofre mencionado continha as características consideradas por Cerbasi (2006) e D’ Aquino (2008) como importantes para a faixa etária em questão, com uma abertura que possibilita a contagem do dinheiro sem danificá-lo e parte do pote transparente, facilitando a visibilidade do dinheiro.

Figura 5 – Cofre em formato de porco feito com material reciclado



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Uma vez por semana, as crianças se reuniram com a professora para a contagem do dinheiro, aproveitaram para trabalhar as várias possibilidades de compor e decompor uma determinada quantia com as moedas. Foi apresentado também o cartaz do Episódio 3, que foi preenchido para acompanhamento do saldo.

Uma professora da escola fez uma doação no valor de 1 real para iniciar a arrecadação do dinheiro. Em seguida, as crianças iniciaram o trabalho e enfeitaram os chaveiros, usando pedaços de papel colorido, *glitter* e cola colorida. Foi acordado com a professora da outra turma que ela simulasse a compra dos chaveiros da turma participante da pesquisa. Então foi dado uma quantia de moedas e marcado um horário para que a mesma fosse até a sala de aula pesquisada e comprasse os chaveirinhos.

Figura 6 – Aluna enfeitando os chaveiros



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Como combinado anteriormente com a professora da outra turma, ela simulou que ficou sabendo que as crianças estavam vendendo chaveiros e então disse que precisava de alguns para colocar como prenda de um jogo em sua sala de aula. Ela perguntou o valor e disse que precisava de 20 chaveiros. E, assim, os estudantes tiveram que pensar quanto ela pagaria pelos objetos.

Os alunos foram expressando suas hipóteses. Os alunos Carmem e Davi disseram rapidamente o valor a ser pago “*Você deve pagar 20 reais!*”. Mas, propositalmente, a professora convidada levou 19 reais. Com o intuito de possibilitar uma nova reflexão, a professora da turma começou a contar o dinheiro perto das crianças e disse que tinha 19 reais. Logo, a professora convidada perguntou o que poderia ser feito já que não havia levado a quantidade de dinheiro suficiente para a compra.

O aluno Paulo sugeriu que ela pegasse emprestada a moeda de 1 real que já estava dentro do cofre. Ele disse:

Paulo: Tia, pega a nossa moeda do cofre e empresta para a tia Andrea comprar o chaveiro, senão vai faltar para um aluno!//

Rapidamente, a estudante Luiza enuncia que não poderia tirar tal dinheiro, pois iria faltar para o passeio. Então, a professora-pesquisadora perguntou quanto estava faltando e os alunos disseram 1 real. Interrompendo a fala de Paulo, a aluna Luiza diz que falta 1 real e, com isso, um chaveiro.

Aproveitando a oportunidade, a compradora perguntou se poderia levar o chaveiro e pagá-lo depois, com o intuito de verificar se algumas crianças iriam aumentar o preço ou não iriam permitir a retirada do objeto sem o pagamento prévio. No entanto, os alunos concordaram e, logo depois, a professora convidada pagou o valor que faltou.

Após a venda, os alunos sentaram em círculo e, juntamente com a professora, iniciaram a contagem e, um a um, colocaram as moedas no cofre. Em seguida, a aluna Sofia destacou que já daria para comprar o suco, pois já tinham a quantia de vinte e um reais no cofre, faltando então apenas dezenove reais.

Após a contagem do dinheiro, as crianças ficaram ainda mais envolvidas nas atividades, pois perceberam que seria possível juntar dinheiro para o lanche do passeio e que já tinham uma boa quantia. Foi preenchido um cartaz com o valor já adquirido e o quanto faltava. Assim, foi encerrado o encontro e sinalizado que a discussão e as ações continuariam em outro dia.

Dando continuidade, em 15 de agosto de 2018, com o propósito de conseguir mais dinheiro, a professora simulou que um conhecido estava precisando de uns desenhos para enfeitar a parede de sua casa e disse para os participantes da pesquisa que, já que desenhavam bem, poderiam vender seus desenhos.

As crianças acreditaram e ficaram empolgados com a possibilidade de vender os desenhos e, assim, juntar mais dinheiro. Então, foi proposto que eles ilustrassem o seguinte tema: como seria o mundo sem violência? Primeiramente, eles conversaram sobre o que seria violência e como o mundo poderia ser sem ela.

Em seguida, foi dado o papel e algumas orientações, enfatizando que o desenho precisava ser com capricho e dedicação, para serem valorizados, pois os sem qualidade não

seriam vendidos, enfatizando, dessa forma, que as pessoas preferem coisas boas e as coisas feitas com pouca dedicação, às vezes, são pouco valorizadas.

Enquanto desenhavam, algumas crianças falavam sobre o valor que queriam em seus desenhos. Duas crianças atentaram-se para o fato do valor que iriam receber com a venda dos desenhos, já que naquele dia três estudantes faltaram a aula e, então, seriam três reais a menos para o cofre. Sobre isso, Carmem disse:

Carmem: Tia, faltaram três colegas, então, não teremos o dinheiro todo.

A professora perguntou por que motivo que ela dizia aquilo. Assim, a aluna disse:

Carmem: Tia, só teremos 14 desenhos hoje, já que faltaram três alunos. Então teremos só 14 reais. Acho que você e a outra professora poderia desenhar também para termos mais dois reais.

Outro aluno não percebeu a relação do desenho vendido com o valor a receber e afirmou que receberiam 17 reais pelos desenhos, ou seja, 1 real por desenho feito, já que a turma é composta por 17 alunos. Vejamos a produção de significado do estudante sobre a situação:

Davi: Receberemos mais 17 reais, né?

Na mesma direção que Carmem, a estudante Sofia tenta novamente explicar para o colega que naquele dia estavam presentes somente 14 estudantes e, por isso, receberiam 14 reais, e não 17 reais que seria o valor total se a turma estivesse completa.

Assim que todos terminaram o desenho, a professora contou desenho por desenho, objetivando que os alunos relacionassem a quantidade de desenhos, a quantidade de crianças participantes de tal etapa e a quantidade de dinheiro adquirida com a venda dos desenhos, para que os alunos pudessem perceber qual seria o valor adquirido com a venda. Assim, a professora combinou com a turma que o dinheiro seria entregue no encontro seguinte.

No dia 17 de outubro de 2018, foi proposto que os estudantes sentassem em círculo para que fosse entregue o valor referente a venda dos desenhos. Então foi questionado mais uma vez qual seria o valor a ser pago pelos desenhos. As alunas Carmem e Maria disseram com convicção que seria o total de 14 reais, correspondente à quantidade de alunos presentes no encontro anterior.

Inicialmente, a professora perguntou sobre algumas possibilidades de como esse valor poderia ser pago, usando notas e/ou moedas. Alguns alunos demonstraram que ainda não dão conta disso. Três alunos falaram sobre suas sugestões:

Carmem: Tia, dá para usar uma nota de dez reais e duas de dois reais.

Nessa mesma direção, o estudante Isac complementa que é melhor pagar com a nota de 10 reais e com as notas de 2 reais, pois facilita a contagem.

Davi expõe que prefere as moedas, pois é mais volumoso. Vejamos:

Davi: Tia, pode usar 14 moedas de 1 real, assim o cofrinho enche mais rápido, porque dá mais moedas, né?!

Após esse momento, foi entregue o valor referente à compra dos desenhos, 14 reais compostos por uma nota de dez e quatro moedas de 1 real, as quais foram colocadas no cofre.

Episódio 5: Conferindo o saldo

No dia 27 de agosto de 2018, foi proposto que os alunos contassem junto com a professora o valor poupado até o momento, verificando a quantidade de dinheiro em mãos com a quantidade de dinheiro estipulada para o lanche. Foi feito um cartaz para colocar o valor recebido com as vendas dos chaveiros e em outro espaço o valor recebido com os desenhos. Assim, os alunos realizaram a adição e comprovaram o total obtido por meio da manipulação do dinheiro.

Quadro 5 – Tabela para preenchimento ao longo das tarefas

SALDO	
OBJETOS	R\$
CHAVEIROS	20,00
DESENHOS	14,00
DOAÇÃO	1,00
TOTAL	

Fonte: Elaborado pela autora.

Após análise e preenchimento do quadro, os estudantes perceberam que o dinheiro não seria suficiente para comprar o lanche. Logo, a estudante Carmem lembrou das conversas dos encontros anteriores e perguntou se a professora pesquisadora poderia completar os R\$ 4 reais que estavam faltando e se a turma convidada poderia doar os pães ou salgadinhos para completar o lanche.

As professoras se comprometeram a completar as doações e, assim, a compra do lanche aconteceria. No dia anterior ao passeio ao Centro de Ciências, a professora-pesquisadora retirou o dinheiro do cofrinho, contou novamente junto com as crianças, explicando que o dinheiro seria retirado para a compra do lanche. Imediatamente o aluno Paulo diz admirado: “Nossa! Quanto dinheiro! Que pena tia, o porquinho vai ficar vazio!”.

Figura 7 – Estudantes contando o dinheiro



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

O aluno Davi enfatiza que será necessário vender outras coisas para encher o cofrinho de novo. Já a estudante Carmem diz que quer ter dinheiro também, que precisa ter um cofre para juntar dinheiro e pergunta:

Sophia: Tia, tive uma ideia! Podíamos vender algumas coisas e ficar com o dinheiro para gente, né?! Quero ter um porquinho também! Vamos fazer tia?

Aproveitando a oportunidade de continuar a discussão sobre o ato de poupar, a professora sinalizou que seriam desenvolvidas outras ações para conseguirem dinheiro. Diante

das falas dos estudantes, torna-se possível notar que os objetivos das tarefas foram alcançados, pois os estudantes ficaram interessados em gerar e poupar dinheiro.

No dia da visita ao Centro de Ciências, os alunos ficaram emocionados. Foram divididos em grupos menores para participarem de algumas atividades de matemática. Ao fazerem o intervalo para a atividade seguinte, os alunos foram levados para lanche. A professora pesquisadora enfatizou que o lanche foi comprado com o dinheiro que cada um ajudou a gerar e guardar. Os alunos ficaram tão satisfeitos que compartilharam com os colegas da outra turma como tinham conseguido o dinheiro para comprar aquilo que estavam comendo. Em seguida, os estudantes foram levados ao Planetário.

Figura 8 – Visita ao Centro de Ciências



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Figura 9 – Visita ao Centro de Ciências



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

No dia seguinte, os alunos voltaram para escola empolgados e sinalizaram mais uma vez que gostariam de continuar com as ações de gerar e juntar dinheiro para um possível retorno ao Centro de Ciências ou mesmo para um outro passeio, mas gostariam de ter o próprio dinheiro e o próprio cofrinho. Essas considerações dos estudantes sinalizam a

necessidade de continuar com a temática em um segundo momento, validando, assim, o sucesso da proposta de ensino da noção de poupança que apresentamos na proposta de ensino.

Seguindo as orientações realizadas pelos professores participantes da banca do exame de qualificação e considerando o interesse dos estudantes sobre o tema abordado nesta pesquisa, foram elaboradas algumas questões para direcionar a conversa com os estudantes com o intuito de ler o que eles diriam sobre a temática abordada nesta pesquisa: a noção de poupança. As questões foram apresentadas aos alunos individualmente e não tinham ordem de apresentação fixa. Além disso, não houve interferência da pesquisadora diante das falas das crianças. Vejamos as questões que conduziram a reflexão: *Quando o assunto é dinheiro, quais imagens ou símbolos representam dinheiro?; O que é poupança?; O que é Poupar?; Como fazemos para economizar?; Mas se o cofre encher todo, é preciso gastar todo o dinheiro?*

Vejamos a produção de significado de três estudantes para as perguntas de um roteiro feitas pela pesquisadora:

Pesq: Quando o assunto é dinheiro, quais imagens ou símbolos representam dinheiro?

Diante dessa pergunta, Davi disse que era a letra S, mas João interrompeu e disse:

João: O nome e cifrão, igual o da foca./

Então, o aluno levantou-se e desenhou no quadro a foca com cifrão. Ele criou a personagem Foca Milionária, contendo sempre como acessórios os óculos escuros, o colar de ouro, símbolo cifrão, barras de ouro e cédulas. Vejamos:

Figura 10 – Registo da Foca Milionária



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Figura 11 – Registro da Foca Milionária



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Nota-se que o aluno produz significado sobre o símbolo cifrão e o relaciona com dinheiro e riqueza. Na mesma direção, **Maria** disse:

Maria: “Moedas de ouro, com risquinhos, imitando brilho.”

Já o aluno Paulo relacionou com os enfeites colocados nas paredes da sala nas aulas anteriores e disse:

Paulo: Saquinhos de tesouro, notas, barras de ouro também indicam que o assunto é sobre dinheiro! Lembra aqueles que estavam na parede?

Figura 12 – Símbolos que tematizaram as aulas



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Nota-se que estas produziram significados sobre dinheiro; além disso, percebe-se também que a tematização da sala possibilitou a alguns estudantes relacionar de forma

indireta, as questões apresentadas durante as aulas com as figuras expostas desde o início da pesquisa. Eles perceberam o ambiente diferente e preparado em harmonia com os assuntos tratados.

No dia seguinte, a pesquisadora preparou algumas ações pedagógicas para os alunos desenvolverem com auxílio de outra professora, enquanto conversava individualmente com os estudantes sobre algumas questões. Vejamos:

Pesq.: O que é poupança?

Davi: Eu esqueci, mas tem a ver com dinheiro! Mas não sei se é tirar dinheiro e gastar ou guardar. Nesse momento, o estudante fez uma expressão facial indicando dúvida.

Dando continuidade, a pesquisadora indica que o assunto seria retomado. Ao perguntar o estudante Paulo sobre o que é poupança, o mesmo respondeu que:

Paulo: Poupança é dinheiro! É também um lugar onde guarda dinheiro de nota!

Com essa produção de significados do estudante, podemos perceber que ele faz referência a um valor em dinheiro. Ele também sugere que entende a poupança a caderneta de poupança – o serviço bancário por meio do qual para ele guarda cédulas. Ele percebe ainda que dinheiro pode ser em cédulas ou em moedas.

Diante da mesma pergunta, a estudante Ana diz:

Ana: “É quando a pessoa tem dinheiro guardado, que está juntando para ter alguma coisa que quer muito ou que precisa!”

Nota-se que a estudante percebe a poupança relacionada ao ato de poupar, economizar, juntar um valor em dinheiro para após um tempo, gastá-lo. Assim, tal enunciação sugere que o entendimento da menina sobre poupança é poupar para posteriormente gastar com a realização de um desejo ou de uma necessidade.

Sobre a mesma questão, a aluna Sophia disse:

Sophia: Poupança é dinheiro![...]

Diante dessa afirmativa, a professora solicitou que a estudante falasse um pouco mais sobre a questão e, então, ela completou:

Sophia: Eu não sei muito bem, mas sei quem tipo[...]é algo na casa lotérica. Tipo, meu dinheiro está na poupança, lá na Casa Lotérica, vou lá, mas era da minha mãe, mas aí pego e compro algumas coisas!

Nota-se que Sofia entende poupança como um dinheiro que está na Casa Lotérica como produto financeiro. No entanto, ela não demonstra compreender que alguém colocou aquele dinheiro com algum propósito guardado em uma instituição bancária, neste caso representado pela Casa Lotérica.

A pesquisadora, após ouvir a aluna, disse que depois todos poderiam falar mais sobre o assunto e seguiu para próxima criança. Então, a pesquisadora aproximou-se da estudante Luiza e perguntou novamente: “o que é poupança?”. Ao ouvir a pergunta, a estudante fez uma expressão facial de estranhamento e disse:

Luiza: Poupança? Você está falando de dinheiro ou de barriga?

A professora ficou surpresa com a fala da criança, pois a princípio não compreendeu a relação feita pela aluna entre dinheiro e barriga. Então, dando continuidade, a professora disse que ela poderia falar o que ela quisesse sobre as duas hipóteses e, assim, poderia conhecer a produção de significado da estudante. Então, a aluna continuou sua explicação:

Luiza: Tem gente que chama a barriga de poupança! Quando digo vou encher a poupança! Mas também é dinheiro! É quando vou para o banco e pego dinheiro. O dinheiro é da minha mãe, mas eu peço pra ela primeiro, mas um pouco é para pagar as contas e, se sobrar, é pra eu comprar o que eu quiser.

A enunciação da estudante sugere que ela já ouviu dizer seu cotidiano o termo “pança”, usado na linguagem popular como sinônimo de barriga ou abdômen e, além disso, as palavras parecem homônimos (mesmo som e mesma grafia). No caso, a palavra poupança tem o final parecido, de modo que a aluna parece entender que estas palavras são iguais, mas possuem sentidos diferentes dependendo do contexto em que é usada. A aluna também disse sobre seu outro entendimento sobre a palavra poupança. Parece que a estudante já presenciou

momentos em sua família de utilização da poupança tanto como produto financeiro, quanto também o ato de poupar, em que foi usada primeiro para quitar dívidas e, depois, para realização de desejos.

Após esse momento individual sobre o que é poupança, a discussão foi aberta e a professora perguntou aos estudantes: “o que é poupar?”.

Uma aluna que inicialmente se recusou a falar individualmente decidiu falar em outra direção sobre as questões apresentadas. É possível perceber que a menina relacionou o termo poupança a personagem de desenho animado ou filme e, em seguida, diz que poupar que é quando a pessoa não tem dinheiro. Vejamos:

Melissa: Poupança é um urso, porque é igualzinho. E poupar é quando não tem dinheiro!

A fala da estudante sugere que entende o termo poupar como economizar algo além do dinheiro. Talvez seja a ação de economizar, usar ou gastar com moderação sem desperdício para evitar que falte algo em decorrência da escassez do dinheiro. Isso pode sugerir que a menina pode ter vivenciado alguma situação de corte de gastos por algum motivo, como desemprego dos pais, por exemplo.

Sobre o termo poupar, Davi mostra que entende o termo como uma expressão da linguagem popular que tem o sentido de “não me incomode com tal assunto ou não interessa o que diz”. Vejamos o que o menino diz sobre a questão apresentada:

Davi: Poupar é quando a pessoa diz para outra “me poupe!”.

Em outra direção, a estudante Ana ressalta que poupar é “ [...] quando a pessoa economiza as coisas ou dinheiro para comprar algo!”. Na mesma direção, Paulo considera que poupar é: “guardar dinheiro! É economizar!”.

Para Luiza, é comparar os preços e comprar mais barato. Ela disse:

Luiza: É quando vê o lugar que está mais barato para comprar algo. Minha mãe fala que a noite a luz do quarto não precisa ficar acesa pois, o poste que tem na rua, próximo a janela, ilumina o quarto e, então, a conta de luz vem com valor mais baixo e sobra mais dinheiro.

A fala da estudante sugere que ela vivencia em seu cotidiano atitudes voltadas ao ato de poupar e economizar. Nota-se que ela percebe que em pequenas atitudes do dia a dia, como comparar preços e economizar energia, possibilita fazer o dinheiro sobrar no final do mês.

Dando continuidade, a pesquisadora diz:

Pesq.: E como fazemos para economizar?

Mateus: É só gastar pouco ou usar só o que precisa!

Pesq.: Vocês lembram o que fizemos para conseguirmos o lanche do nosso passeio?

Carmem: Juntamos dinheiro, tia! Foi preciso vendermos os desenhos e os chaveiros!

A professora complementou dizendo que foi necessário um tempo para conseguir juntar o dinheiro a ser gasto e usou calendário como recurso visual. Em seguida, ela indagou:

Pesq.: Vamos ver quanto tempo foi necessário para juntarmos aquele dinheiro? Vamos olhar no calendário o dia que começamos a organizar nosso passeio e o dia que foi o passeio! Começamos em agosto e fomos em setembro. Foram necessários dois meses de planejamento e algumas ações para conseguirmos valor necessário para a compra do lanche.

Dando continuidade, a pesquisadora fez outras perguntas aos alunos a fim de conhecer o que eles entenderam sobre o que vivenciaram, desde o planejamento do passeio, as ações realizadas para aquisição do dinheiro e o gasto consciente do mesmo.

Pesq.: Mas se o cofre encher todo, é preciso gastar todo o dinheiro?

A maioria dos alunos disse que se deve gastar tudo, talvez por vivenciar isso em casa ou mesmo por ter presenciado o gasto do dinheiro todo que havia no cofrinho da turma. No entanto, três alunos interromperam exaltados e afirmaram que não precisa gastar todo o dinheiro que estiver no cofre. Sobre isso, Mateus disse:

Mateus: É só comprar comida!

Esse aluno expressa que entende que não se poupa somente dinheiro, e que para ele necessidade é comprar comida.

Luiza: É só gastar se tiver necessidade. É só pegar outro cofre e continuar juntando. Dá também para trocar as moedas por notas. As notas ocupam menos espaço.

Nenhum aluno sugeriu guardar no banco, tampouco falaram sobre a importância da circulação das moedas no comércio. Tais questões também seriam de suma importância para compartilhar na sala de aula.

Pesq.: Por que é importante poupar?

Mateus: Guardar, comprar e não passar fome. Porque se não, na hora de comprar as coisas não tem dinheiro e, então fica com fome e aí vai perdendo dinheiro. Na minha casa, minha mãe guarda na bolsa ou no cofrinho do meu irmão.

Nota-se que o estudante Mateus compartilha sua experiência de vida, ao relatar que a família tem o hábito de guardar dinheiro e gastá-lo somente com coisas necessárias, no caso, o alimento para a família. E também entende que, se gastar com coisas extras, podem não ter sequer comida.

Pesq.: Para que serve o cofrinho?

Davi: Cofrinho serve para guardar dinheiro e não gastar tudo, se não depois não tem como pagar nada. É importante ter pra não ficar gastando.

Mateus: É para guardar os trocos.

Diante do resíduo de enunciação do aluno Davi, podemos notar que ele entende a utilização do cofrinho como um instrumento que ajuda a não gastar o dinheiro só porque o dinheiro está nas mãos. Ele sugere que o cofre serve para guardar o dinheiro e gastá-lo depois. Na mesma direção, o estudante Mateus diz que cofre serve para guardar os trocos, ou seja, guardar o dinheiro que sobra.

Dando continuidade à aplicação das tarefas, a professora fez a leitura e a exploração oral do livro *“O cofre de João”*, escrito por Vera Lucia Dias do ano 2014. Foi feita a exploração da capa sobre a ilustração para antecipação ao tema, abordando também as informações, como editora, nomes do autor e do ilustrador.

O livro narra a história de menino que guardava em seu cofre além do dinheiro, coisas que considerava importantes, com valores sentimentais. Após a leitura, foram feitas algumas questões para conduzir a reflexão dos estudantes como: *qual é o assunto do texto? Para que*

serve um cofre? Os alunos podiam falar sobre o que quisessem. Três alunos relataram que têm cofre e que guardam dinheiro para comprar coisas.

A professora perguntou: *o que dá para comprar com dinheiro poupado em um cofre?*

Mateus: Dá para comprar brinquedo e roupas ou ir ao cinema, mas não dá para comprar coisas caras como vídeo game, carro, ou muitos brinquedos se o cofre for pequeno. Primeiro, tem que saber o preço, porque, às vezes, as coisas são caras.

Assim, o aluno mostra que entende que cofres pequenos cabem pouco dinheiro e não é suficiente para adquirir coisas caras.

Luiza: junto para gastar quando vou à praia. As vezes demora chegar o dia de gastar.

Davi: Ganhei um cofre outro dia, estou juntando dinheiro para comprar uma bicicleta. Ainda falta muito para juntar.

O aluno Davi sugere que já percebeu a relação entre dinheiro e tempo. Ele relatou já ter o objetivo, no caso a bicicleta, já possui uma quantia em dinheiro, mas sabe que terá que esperar mais um pouco para ter o valor total que precisa para comprar o objeto desejado.

Semelhantemente aos comentários supracitados, os outros estudantes sinalizaram que queriam ter um cofre e, então, a pesquisadora incluiu tal solicitação para a etapa subsequente: os alunos ganhariam um cofre com material reciclável, corpo transparente e com o manuseio fácil do dinheiro.

6.2 TAREFA II

TAREFA II: A festa de despedida

Para desenvolver a Tarefa II, que foi organizada em três episódios, a pesquisadora propôs aos alunos uma festa de encerramento do ano letivo, conforme orientado pelos professores participantes do exame de qualificação desta pesquisa. Inicialmente, os alunos foram convidados a observar o calendário para comparar a data do dia e a quantidade de dias que faltavam para o termino das aulas e, em seguida, programariam de forma coletiva a data

da festa e o que gostariam de ter na festa. Além disso, teriam novamente que pensar em estratégias para adquirir os itens alimentícios da festa. Vejamos como tudo aconteceu:

Episódio 1: Organizando a festa de despedida

Pesq.: Olhem para o calendário! Hoje é dia 27 de novembro, o último dia de aula será dia 17 de dezembro. Vamos ver quantos dias que faltam?

Então, os alunos começaram a contar: “[...] um, dois, três [...]” e concluíram que faltavam 20 dias.

Pesq.: Está chegando as férias e com isso, precisamos organizar nossa festa de encerramento. Amanhã, faremos uma lista do que queremos na festa e quanto precisaremos para ter essas coisas. Além disso, teremos que escolher a data certa para a festa acontecer.

Diante da proposta feita pela professora, o aluno Mateus logo prontificou-se, dizendo que levaria algo e sugeriu os colegas contribuíssem com algum alimento, para não ficar sobrecarregar para as professoras. Já a aluna Sofia sugeriu que os doces poderiam ser feitos por eles mesmos, usando a receita que aprenderam em aula anterior e, assim, ficaria mais barato.

A professora organizou os alunos em duplas para que eles listassem 4 itens que gostariam que tivesse na festa e, depois, seria aberta a votação. Os itens sugeridos foram: pipoca, salgadinho, docinhos, bolas, refrigerante, suco, jogos, açaí, pizza, balas e, também, balões e pula-pula. Então a professora iniciou a votação, mas foi interrompida pelo estudante Arthur que disse:

Arthur: É melhor escolher poucas coisas, mais quantidades dessas coisas, porque não dá para comprar tudo. Tia, não precisa ter tudo isso!

Sofia: Pula-pula é caro! No meu aniversário minha mãe não colocou por isso.

Luiza: balão é bonito, mas não serve para nada, é gastar dinheiro toa, e o dinheiro que pagará o balão podemos comprar mais salgadinhos.

Então, a professora organizou uma votação, escreveu os itens no quadro e disse que a turma precisava escolher poucos itens. Assim, quando cada aluno dizia os itens escolhidos a era marcado um “x”. Os itens escolhidos foram salgadinhos, suco, refrigerante, doce e um bolo. Em seguida, na tentativa de instigar os alunos a pensarem em como conseguir o dinheiro para a festa, a pesquisadora perguntou:

Pesq.: Mas para conseguirmos mais dinheiro o que podemos fazer?

Davi: Podemos vender o restante do chaveiro que está no seu armário, tia?!

Arthur: podemos vender uns docinhos daqueles que fizemos um dia. E cada criança poderia levar uma quantidade e vender para os vizinhos.

Os outros alunos concordaram com a ideia de Arthur:

Sophia: Mesmo com o dinheiro das vendas será necessário que quem puder faça a doação de algum alimento, pois o dinheiro não seria suficiente, mas só quem puder.

Esse comentário feito pela aluna sugere que ela comparou a quantidade de alunos, a quantidade de doces que cada criança venderia e fez a estimativa do valor recebido. A professora-pesquisadora interferiu dizendo que a aluna tinha razão, mas que seria necessário ter o dinheiro para saber o que seria possível comprar e o que faltaria. E, depois, pensariam como conseguiriam as doações.

Episódio 2: Como conseguir dinheiro?

No dia seguinte, a professora recordou a receita desenvolvida em aulas anteriores – “Docinho de leite em pó: Beijinho”. Trabalharam-se as características do gênero textual, como a lista de ingredientes, o modo de preparo, os instrumentos de medidas (colher, xícara, lata), a proporção e os utensílios necessários para a realização da receita. Houve também uma abordagem sobre higiene na manipulação dos alimentos.

Os alunos lavaram as mãos e foram organizados em grupos. Em seguida, iniciaram, juntamente com a professora, a leitura do cartaz com a receita que estava pregado na parede.

Vejamos a receita:

DOCINHO DE LEITE EM PÓ

Ingredientes:

1 lata de leite em pó,
1 lata de leite condensado
Margarina
Coco ralado

Modo de fazer: coloque aos poucos um recipiente 1 copo de leite em pó e o leite condensado até ficar no ponto de enrolar. Unte as mãos com margarina e enrole os docinhos. Pode passar no coco ralado para enfeitar ou açúcar colorida. (opcional)

Rendimento: aproximadamente 60 docinhos tamanho festa



Foi explicado às crianças que a receita poderia render mais ou menos do que o esperado, pois depende da qualidade dos ingredientes e, também, do tamanho que o docinho for enrolado. Seguem as fotos dos alunos manipulando os ingredientes.

Figura 13 – Aluna executando a receita



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Figura 14 – Aluno enrolando os docinhos



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Depois de colocar em prática a receita do doce, foi feita a estimativa de quantos docinhos cada criança ficaria responsável em vender e quanto em dinheiro seria adquirido. Então, decidiram que cada aluno levaria três docinhos para vendê-los a 1 real cada. Foi perguntado quantos reais cada criança obteria com a venda e entregaria à professora, objetivando que eles fizessem operações de adição. As crianças disseram, em coro, “três reais”.

Dessa forma, ficou acordado com as crianças que o dinheiro seria colocado no cofrinho da turma após contabilizado e, juntos, decidiriam o que seria comprado. Todos os alunos levaram o docinho para casa e apenas duas crianças não retornaram com o dinheiro completo e justificaram o motivo disso.

Uma criança disse que a família não tinha o dinheiro naquele dia e que pagaria depois. Já a outra criança vendeu dois docinhos e não resistiu, comeu o outro que restou. Ele só levou o dinheiro referente à venda, mas não do que ele comeu; isso mostra que ele entendeu que não seria necessário pagar por tal produto consumido. A professora questionou o valor que cada criança tinha na mão. 15 crianças disseram R\$3 reais. Um aluno disse que levaria em outro dia, e o outro disse que não tinha.

Inicialmente, foi solicitado que as crianças pensassem como cada um poderia compor o valor de R\$3 reais a ser pago. Assim, foi desenhado no quadro os modelos encontrados:

Quadro 6 – Ilustração do registro da composição do valor feita por três estudantes

DAVI	MATEUS	CARMEM

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dos desenhos dos estudantes no quadro da sala de aula e representados na ilustração acima, nota-se que o aluno Davi compôs o valor de R\$3 da seguinte forma: uma nota de 2 reais e uma moeda de 1 real. Já o estudante Mateus compôs o valor usando 3 moedas de 1 real. Carmem compôs de outra forma usando 1 cédula de dois e duas moedas de cinquenta centavos.

Além disso, foi questionado sobre composição de valores: *quantas moedas de 1 real são necessárias para montar 3 reais? Quantas notas? Quantas moedas de cinquenta centavos?* Nessa aula, foi possível verificar que alguns estudantes estão em desenvolvimento e que outras ações sobre composição e decomposição precisam ser mais trabalhadas.

Dando continuidade, a professora perguntou qual seria o valor total que a turma teria com a venda dos doces. Davi e Luiza disseram, imediatamente, “17 reais”. Mas o aluno Davi pensou de outra forma.

Davi: Será necessário desenhar as crianças e o dinheiro que cada uma conseguiu ou o nome de cada criança e colocar a quantidade na frente do nome de cada uma.

Sofia: É só juntar a quantidade de cada criança, mas que não pode contar com a quantia do colega que não trouxe o dinheiro.

Então foi dito para cada criança registrar em uma folha do caderno como verificar o valor total adquirido com a venda dos doces. Assim, Sofia fez adição abaixo:

$$3+3+3+3+3+3+3+3+3+3+3+3+3+3+3+3+3+2$$

Isso mostra a forma de operar das crianças. Davi fez o nome desenhou cada criança e colocou a quantidade de doces que cada uma vendeu. O valor encontrado com auxílio do desenho foi de R\$ 47 reais.

O dinheiro arrecadado pelas crianças foi colocado no cofre. Na aula seguinte, com auxílio da professora, as crianças decidiram que, com aquele dinheiro, poderiam comprar os sucos e os refrigerantes para a festa e, se sobrasse, seriam comprados doces. As crianças levariam salgadinhos, e a professora o bolo. E, como não haveria brinquedos, poderiam fazer algumas brincadeiras na própria sala aula.

Episódio 3: A festa de encerramento

No dia da festa, os alunos ficaram bem empolgados, principalmente porque fizeram parte da construção do evento, vivenciando cada momento. Além disso, ganharam um cofrinho, igual ao utilizado durante as aulas.

Figura 15 – Cofres em formato de porquinho

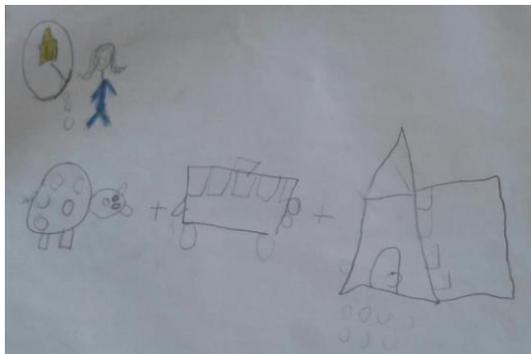


Fonte: Fotografia tirada pela autora.

No dia seguinte, na tentativa de conhecer o que os alunos compreenderam sobre as experiências vividas sobre o ato de poupar para um objetivo, neste caso, o passeio ao Centro de Ciências e a festa de encerramento, a pesquisadora pediu que os alunos registrassem na forma de desenho sobre o que eles viveram. Vejamos o registro que a aluna fez, no qual ela mostra o passo a passo como tudo aconteceu na primeira tarefa. Inicialmente, foi pensado e planejado o passeio ao Centro de Ciências, foi necessário poupar e guardar dinheiro no cofrinho. O transporte foi feito pelo ônibus até o destino final: o Centro de Ciências da UFJF.

A seguir, observemos as produções de significados de dois estudantes sobre as tarefas aplicadas.

Figura 16 – Registro da aluna sobre as tarefas realizadas



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Figura 17 – Registro da aluna sobre as tarefas realizadas

JUNTAMOS DINHEIRO VENDENDO CHAVEIROS, PEGAMOS O ÔNIBUS, ENTRAMOS NA UFJF, CONHECEMOS PROJETOS, LANCHAMOS, VIMOS FILME.
--

Fonte: Elaborado pela autora a partir da escrita da aluna.

A figura 16 sugere que a menina imagina a UFJF ou Centro de Ciências (ou a escola em que a professora estuda) a poupança, o ônibus e enfim chega ao Centro de Ciências. Já na figura 17, a estudante produziu um lista colocando em ordem as ações vivenciadas por eles durante a realização das tarefas.

Esses registros revelam que essas crianças perceberam o processo que percorreram desde o dia de planejar o passeio até o dia em que fizeram o passeio. As duas crianças registraram, por meio do desenho e da escrita, que primeiro planejaram, juntaram dinheiro e o passeio foi realizado. A aluna que complementou ainda que desenvolveram brinquedos, lancharam e ainda viram um filme.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática da Educação Financeira Escolar tem ganhado espaço em diferentes segmentos da sociedade brasileira, principalmente por causa do consumismo desenfreado das pessoas de diferentes idades e classes sociais. Com as crianças essa situação também é bastante evidente, já que recebem, desde pequenas, inúmeras informações que estimulam o consumismo.

Frente a isso, esta pesquisa objetivou o desenvolvimento de tarefas referenciadas teoricamente pelo Modelo dos Campos Semânticos, proposto por Lins (1999), para abordar a noção de poupança e situações correlacionadas a ela com estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, buscando educá-los financeiramente.

Chamamos a atenção para o fato de que, mesmo que o Modelo dos Campos Semânticos não tenha aparecido explicitamente em nossa análise, foi ele que nos deu os pressupostos teóricos que nos permitiram ter ações na direção de, por exemplo, estimular a produção de significados dos alunos, dando voz a eles, levando a sério o que eles diziam e sem juízo de valor. Buscamos “ler” o que eles diziam como forma de entender suas maneiras de operar cognitivamente.

Ressaltamos que a revisão da literatura mostrou que há uma carência de produções acadêmicas direcionadas ao tema proposto neste estudo e, também, à faixa etária em questão. Destacamos que precisam ser consideradas as especificidades das crianças em fase de alfabetização durante a elaboração das tarefas e para a abordagem de outros temas relacionados à Educação Financeira Escolar.

Para realizar esta pesquisa, foram elaboradas duas tarefas que tinham como objetivos principais o planejamento das ações para conseguir dinheiro para o lanche do passeio e para a festa de encerramento de ano letivo, a partir de metas e ações para gerar dinheiro, como poupá-lo durante um tempo e, posteriormente, gastar o dinheiro adquirido de acordo o planejamento realizado pelos estudantes.

Além disso, as tarefas possibilitavam que os sujeitos utilizassem as operações matemáticas de adição e subtração, compor e decompor, tratamento de informações e outros. Houve momentos em que as crianças experimentaram decisões coletivas e foram solidárias com os colegas de outra turma.

Diante de todas as reflexões apresentadas no desenvolvimento deste estudo e da análise dos dados, torna-se possível enfatizarmos a importância de discutir a inserção da Educação Financeira no âmbito escolar desde os primeiros anos de escolarização.

A pesquisa de campo revelou as potencialidades das tarefas que sugerimos, mostrando que estas são diferenciadas, pois permitem que os estudantes vivenciem de situações do

cotidiano, possibilitando reflexões sobre diferentes decisões diante das problemáticas postas por meio das tarefas, além de terem despertado a atenção dos estudantes, permitindo envolvimento de todos nas etapas de cada tarefa.

Ao analisarmos os dados, observamos que os significados produzidos pelos estudantes para as tarefas propostas foram diversos, trazendo importantes elementos relacionados à poupança e sobre a experiência que vivenciaram diante do ato de poupar. Portanto, torna-se necessária a abrangência no assunto de forma mais aprofundada em outras etapas de ensino, em formato de espiral, conforme é proposto por Silva e Poweel (2013). Isso também reforça a necessidade de continuação de pesquisas acadêmicas e elaboração de materiais didáticos para sala de aula.

Esta pesquisa de campo validou as tarefas sugeridas nesta proposta de ensino, resultando no Produto educacional em anexo, direcionado a professores dos anos iniciais da educação Básica. Ressaltamos que o material aqui exposto pode sofrer adaptações de acordo com as especificidades de cada turma.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.
- BAGNO, Marcos. *Fábulas Fabulosas*. In: *Práticas de leitura e escrita* / Maria Angélica Freire de Carvalho, Rosa Helena Mendonça (orgs.). – Brasília: Ministério da Educação, 2006. Disponível em: <http://tvescola.mec.gov.br/images/stories/publicacoes/salto_para_o_futuro/livro_salto_praticas_de_leitura_e_escrita.pdf#page=51>. Acesso em: maio de 2018.
- BARBER, B. R. **Consumido**: como o mercado corrompe crianças, infantiliza adultos e engole cidadãos. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- Bailey e Law**
- Faz crescer o teu dinheiro - Duplica a tua mesada!*, publicado em 2009
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Portugal: Porto Editora, 2013.
- BRASIL. **Estratégia Nacional de Educação Financeira** – Plano Diretor da Enef: anexos. 2011b. Disponível em:<<http://www.vidaedinheiro.gov.br/legislação/Default.aspx>>. Acesso em: ago. 2017.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Caderno de Educação Financeira** – Gestão de Finanças Pessoais. Brasília: BCB, 2013.
- BRASIL/CONEF. **Educação financeira nas escolas**: ensino médio: livro do professor. Bloco 3 [elaborado pelo comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF)]. Brasília: Conef, 2013.
- CAMPOS, Marcelo Bergamini. **Uma investigação sobre a Educação Financeira na Matemática do Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.
- CHIARELLO, Ana Carmem R. **Educação Financeira Crítica**: novos desafios na formação continuada de professores. 2014. Dissertação de mestrado em Educação. Universidade Comunitária da Região de Chapecó, 2014.
- CAMPOS, Marcelo Bergamini. **Educação Financeira na matemática do ensino fundamental**: uma análise da produção de significados. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.
- CERBASI, Gustavo. **Filhos inteligentes enriquecem sozinhos**. Como preparar seus filhos para lidar com o dinheiro. São Paulo: Editora Gente, 2006.

DANTAS, Luciana T. **Educação financeira e cuidados com o ambiente:** atividades didáticas no ensino fundamental. (Trabalho de qualificação). 82 p. Programa de Mestrado Profissional em Ensino das Ciências, da Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy Duque de Caxias (RJ), 2016.

D’AQUINO, C. **Educação Financeira:** Como educar seu filho. Organização Gustavo Cerbasi. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

_____, C. **Educar para o consumo:** Como lidar com os desejos de crianças e adolescentes. São Paulo: Papirus, 2012.

_____. **Educação Financeira:** 20 dicas para ajudar você a administrar a sua mesada. Organização Cassia D’Aquino. 4. ed. São Paulo: Me Poupe, 2006.

_____. **Educação Financeira:** 20 dicas para ajudar você a educar seu filho. Organização Cassia D’Aquino. 4. ed. São Paulo: Me Poupe, 2007.

DESSEN, Marcia Belluzo. **Cuide bem do seu dinheiro:** decisões que geram riquezas e bem-estar. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2013.

DIAS, J. N. **Educação Financeira Escolar:** a noção de juros. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

DOMINGOS, António; SANTIAGO Ana. Concepções e práticas de professores de matemática sobre educação financeira. **Revista de Educação, Ciências e Matemática**, v .6, n. 3, set./dez. 2016.

DOMINGOS, Reinaldo. **Terapia financeira:** realize seus sonhos com educação financeira. São Paulo: DSOP Educação Financeira, 2012.

FERREIRA, R. **Educação Financeira das Crianças e Adolescentes.** 1 ed. Lisboa: Escolar, 2013.

FORTUNA, E. **Mercado Financeiro: produtos e serviços.** 15^a. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

GRAVINA, R. C. **Educação financeira escolar:** orçamento doméstico. 130 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014.

GODFREY, N.S. **Dinheiro não dá em árvore: um guia para os pais criarem filhos financeiramente responsáveis.** Tradução de Elizabeth Arantes Bueno. São Paulo: Jardim dos Livros, 2007.

HALFELD, M. **Investimentos – Como administrar melhor seu dinheiro.** 3^a. ed. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2001.

LEONTIEV, A.N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VYGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Aleksei

Nikolaevich. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 5. ed. São Paulo, SP: Ícone, 1988. 228 p.

LINS, R. C. Por que discutir teoria do conhecimento é relevante para a Educação Matemática. In: BICUDO, M. A. V. (Org.). **Pesquisa em Educação Matemática: concepções e perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999. p. 75-94.

LOSANO, L.A. B. **Design de tarefas de Educação financeira para o 6º ano do ensino fundamental**. 180 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

LOTH, H. M. **Uma investigação sobre a produção de tarefas aritméticas para o 6º ano do Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.

MEIRA, L. **Análise microgenética e videografia: ferramentas de pesquisa em Psicologia Cognitiva**. S.n.d. (mimeogr)

MUNIZ JR, I. Produção e articulação de conhecimentos matemáticos e financeiros por alunos do Ensino Médio: a dinâmica de uma poupança programada. In: **4º Simpósio Internacional de Pesquisa em Educação Matemática**, 12. Ilhéus, 2015.

POWELL, A. B.; FRANCISCO, J. M.; MAHER, C. A. Uma abordagem à análise dos dados de vídeo para investigar o desenvolvimento de Ideias e raciocínios matemáticos de estudantes. Tradução de Antonio Olimpio Junior. **Bolema**, ano 17, n. 21, p. 81-140, 2004.

ROCHA; Ricardo Humberto; VERGILI, Rodney. **Como esticar seu dinheiro: fundamentos de Educação Financeira**. Coleção Expo Mony. Organização Gustavo Cerbasi. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

SABADINI, Gláucia B. **Educação Financeira Escolar: planejamento financeiro**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

SANDRONI, L, R; MACHADO, L. R (Orgs.). **A criança e o livro**. São Paulo: Ática, 1986.

SANTOS, L.; PESSOA, C. Educação Financeira: analisando atividades propostas em livros de matemática dos anos iniciais. **Anais do XII Encontro Nacional de Educação Matemática – XII ENEM**. São Paulo, 2016.

SCOLARI, L.C.; GRANDO, N.I. Educação financeira: uma proposta desenvolvida no ensino fundamental. São Paulo. **Revista Educação Matemática e Pesquisa**, v. 18, n. 2, p. 671-695, 2016.

SILVA, A.M.; POWELL, A. B. Um programa de educação financeira para a matemática escolar da educação básica. **Anais do XI Encontro Nacional de Educação Matemática**, Curitiba- Paraná, 2013.

SILVA, A.; POWELL, A. Educação Financeira na escola: A perspectiva da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **Boletim Gepem – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática**, 2015.

SILVA, A.; POWELL, A. Um programa de Educação Financeira para a Matemática escolar da Educação Básica. **Anais do XII Encontro Nacional de Educação Matemática – XI ENEM**. São Paulo, 2013.

SILVA, R. M. **Educar financeiramente em situações a-didáticas no Município de São João de Meriti/RJ**: algumas possibilidades. 2015. 80f. Dissertação (Mestrado no ensino das Ciências). UNIGRANRIO. 2015

SILVA, Luciana Maria da. **Educação Financeira Escolar: a noção de poupança no Ensino Fundamental**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019.

SILVA, A.; SOUZA, Dailiane F. **Educação financeira escolar no 1º ano do ensino fundamental**. Especialização Educação Financeira Escolar e Educação Matemática. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

STAMBASSI, Andréa S. **Design e desenvolvimento de um curso de formação continuada para professores em Educação Financeira Escolar**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

STUART, Suzanna. **Ensine seu filho a cuidar do dinheiro**: um guia para desenvolver a inteligência financeira desde a pré-escola/Suzanna Stuart; tradução Sonia Augusto. São Paulo: Editora Gente, 2009.

VARGAS, P.R.R.V. **Um estudo sobre Educação Financeira e Instituição Escolar**. Tese de Doutorado em Educação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

VIRENE, Roxo Madesco; SCHENINI, Paulo Henrique. **Economia para não economista**: Princípios básicos de Economia para profissionais empreendedores em mercados competitivos. Coleção para não Economistas. SENAC.

VITAL, M. C. **Educação Financeira e Educação Matemática**: Inflação de Preços. 199 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática). Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2014.

WITKOWSKI, S.A.L.; WOLSKI, T.R.M. **Modelando as Finanças**: respeitando o dinheiro e realizando sonhos. Paraná. Secretaria Estadual de Educação, 2012.

ANEXO

O Sabiá e a Formiga

Era uma vez uma formiga que trabalhava sem parar, durante o verão, para ajudar as outras formigas do seu formigueiro a guardar comida para o inverno. Pois no lugar em que vivia o inverno era muito rigoroso e era difícil de sair de casa.

Durante os dias quentes de verão, ela ouvia o canto do Sabiá, um pássaro lindo com um canto maravilhoso. E isto fazia os dias de trabalho mais agradáveis.

Quando o inverno chegou, o Sabiá não tinha o que comer e onde se abrigar da chuva e do frio.

Ele que sempre via a formiga trabalhar, resolveu pedir ajuda. Ele disse:

- Formiga, por favor, ajude-me. Não tenho o que comer e onde me abrigar.

A formiga nas suas andanças a procura de comida, conhecia um ninho velho e bem protegido da chuva e do frio, em uma árvore e também onde encontrar comida para ele naquele momento.

No dia seguinte, a formiga foi ao encontro do Sabiá para saber como tinha passado a noite. Ela viu que o pássaro estava bem e lhe disse:

- Por que você com esta linda voz, não faz disso seu trabalho? Pensei que pudesse cantar para nós durante todo o verão e, em troca, quando formos procurar alimento, procuramos para você também. E ajudaremos a reformar seu ninho e prepará-lo para o inverno. O que acha? - ouvindo a formiga, o Sabiá disse:

- Eu nunca pensei nessa possibilidade. Só cantava para me alegrar e alegrar os seres que vivem neste mundo.

A formiga então disse que ia procurar a formiga-rainha para conseguir o emprego para ele. Ao voltar, mais tarde, ela disse que o seu pedido foi aceito, que todas as formigas ficaram felizes com a ideia dele cantar enquanto trabalhavam.

E então, a partir daquele dia, o Sabiá cantava para as formigas durante o trabalho e nunca mais passou necessidades.

Moral da história: O trabalho ajuda a ter coisas e alguns erros não devem ser passíveis de punição e sim de ajuda e orientação.



Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento

Pais e/ou responsáveis,

A proposta desta pesquisa é investigar a produção de significados dos estudantes o segundo ano do ensino fundamental para um conjunto de tarefas sobre poupança e situações cotidianas relacionadas a ela.

Essa participação é voluntária e as ações pedagógicas serão desenvolvidas em sala de aula e, também, fora da escola, tendo como proposta inicial a visita ao centro de ciências da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.

Durante a pesquisa, os áudios serão gravados, a fim de que seus dados sejam processados posteriormente pela pesquisadora e devidamente arquivados. Respeitando o sigilo dos participantes.

Você poderá pedir esclarecimento que desejar e ou deixar a pesquisa a qualquer momento, retirando seu consentimento sem quaisquer conseqüências, penalizações ou prejuízos.

Ao publicar os resultados da pesquisa, é garantido o sigilo. Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa poderá entrar em contato pelo e-mail dailiane.jf@hotmail.com.

Dailiane de Fátima Souza

() Autorizo a participação do estudante _____

() Não autorizo a participação do estudante _____

Assinatura do responsável: _____